



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LARISSA MATTOS DINIZ

**O CLUBE NEGRO DE LONDRINA: UMA EXPERIÊNCIA
CONTRADITÓRIA**

Londrina
2014

LARISSA MATTOS DINIZ

**O CLUBE NEGRO DE LONDRINA: UMA EXPERIÊNCIA
CONTRADITÓRIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Baltar

Londrina
2014

LARISSA MATTOS DINIZ

O CLUBE NEGRO DE LONDRINA: UMA EXPERIÊNCIA CONTRADITÓRIA

Dissertação de Mestrado apresentado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Baltar
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr
Universidade

Prof. Dr
Universidade

Londrina, ____ de ____ de ____.

Dedico este trabalho aos negros e negras que vieram e lutaram antes de mim e à aqueles que ainda virão.

DINIZ, Larissa Mattos. **O CLUBE NEGRO DE LONDRINA:** Uma experiência contraditória. 2013-2015. Número total de folhas. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RESUMO

O objetivo desta dissertação de mestrado é analisar a construção do pensamento em que se pautou a escolha por uma política de intervenção disciplinada do Clube negro de Londrina. Essa política iniciou nas organizações negras no início dos anos de 1930, com a Frente Negra Brasileira e sua aproximação com o movimento integralista. O precursor do movimento em Londrina, Cypriano Manoel, chegou em Londrina em 1934, no entanto, viveu em cidade como São Paulo e Campinas, cidades que foram palco das primeiras organizações negras do Brasil, após a abolição, onde participou de movimentos congêneres. O Clube negro de Londrina foi possível em 1937, pela experiência trazida dos grandes centros por Cypriano Manoel. Foi um movimento de vanguarda no combate ao racismo e na discussão racial em Londrina, propunha uma série de objetivos beneficentes que pudesse abarcar o máximo da população negra da cidade, no entanto, quando finalmente pode ter a possibilidade estrutural de concretizar os objetivos, seus posicionamentos e suas alianças podem ter feito com que se tornasse uma organização de identidade fechada e enraizada em conceitos metafísicos de raça e nação organizados por uma concepção orgânica e autoritária. Em geral, os estudos sobre boa parte das organizações ou entidades negras destacam suas vitórias na luta contra o racismo e por melhores condições de vida para os brasileiros negros, pois foram seu amadurecimento. Nesse sentido, como se deu a construção de intervenção política do Clube negro de Londrina?

Palavras-chave: Clube Negro. Intervenção disciplinada. Racismo. Londrina.

DINIZ, Larissa Mattos. **THE CLUB LONDRINA BLACK: A CONTRADICTIONARY EXPERIENCE.** 2013-2015. Número total de folhas. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to analyze the construction of thought which marked the choice by a policy of disciplined black Club intervention of Londrina. This policy began in the black organizations in the early years of 1930, with the Brazilian black Front and its rapprochement with the integralist movement. The precursor of motion in Londrina, Londrina, arrived in Cypriano Manoel in 1934, however, lived in city like São Paulo and Campinas, cities that were stage of the first black organizations of Brazil, after the abolition, where he participated in similar movements. The Club Londrina black was possible in 1937, the experience was of great centers by Cypriano Manoel. Was an avant-garde movement in combating racism and racial discussion in Londrina, proposed a series of charitable purposes that could encompass much of the black population of the city, however, when they finally may have the possibility to achieve the structural objectives, their positions and their alliances may have done with that became a closed identity and organization rooted in metaphysical concepts of race and nation organized by an organic design and authoritarian. In General, studies on most black organizations or entities include victories in the fight against racism and for better living conditions for the Brazilians, because blacks were ripening. In this sense, as the construction of political intervention of black Club Londrina?

Keywords: Black Club. Disciplined intervention. Racism. Londrina.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Edição do jornal O Estado de São Paulo, de 28 jun 1936	00
Figura 2 – Última página da edição do jornal Paraná-Norte, de 28 jun 1935	00
Figura 3 – Vista parcial da cidade de Londrina, 1934	00
Figura 4 – Festividade no Clube Redondo, de 11 jun 1938.....	00
Figura 5 – Um dia de trabalho na derrubada da mata, 1937	00
Figura 6 – Passeata da comitiva de Getúlio Vargas	00
Figura 7 – Festividade de inauguração da sede da AROL	00
Figura 8 – A comemoração do 13 de maio para as crianças na AROL	00
Figura 9 – Parque infantil da sede da AROL.....	00
Figura 10 – Interior da sala de aula da Escola AROL	00
Figura 11 – Coroação da rainha negra da AROL.....	00
Figura 12 – Manifestação nas ruas de Londrina no 13 de maio.....	00

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AROL	Associação Recreativa Operária de Londrina
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrata
FNB	Frente Negra Brasileira
TEN	Teatro Experimental do Negro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 Londrina, Pr.: mais uma realidade contraditória	14
1.1 CONTEXTUALIZANDO A CIDADE DA PROMISSÃO.....	14
1.2 A formação do Clube Quadrado.....	22
1.3 A Sociedade Princesa Isabel.....	26
1.4 Cypriano Manoel, a liderança da comunidade negra dos anos de 1930 a 1964.....	29
2 ASSOCIAÇÃO DE RECREAÇÃO OPERÁRIA DE LONDRINA - AROL .	39
2.1 A AROL e a questão da educação.....	45
2.2 A recreação na AROL.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS: a política integralista da AROL	54
REFERÊNCIAS	65
ANEXOS	
ANEXO 1.....	
ANEXO 2.....	
ANEXO 3.....	
ANEXO 4.....	
ANEXO 5.....	
ANEXO 6.....	
ANEXO 7.....	
ANEXO 8.....	
ANEXO 9.....	
ANEXO 10.....	
ANEXO 11.....	

ANEXO 12.....	
ANEXO 13.....	
ANEXO 14.....	
ANEXO 15.....	
ANEXO 16.....	
ANEXO 17.....	
ANEXO 18.....	
ANEXO 19.....	

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar a trajetória da Associação de Recreação Operária de Londrina - AROL e sua experiência como uma organização negra em um contexto de combate ao racismo nos anos de 1930 a 1970 em Londrina. Essa pesquisa se justifica quando levamos em conta a importância da produção de trabalhos que possam compor um dossiê que possibilite a (re)construção do imaginário que a sociedade tem a respeito do negro. Após a abolição, todos os estereótipos em relação ao negro foram mantidos, nesse sentido o processo de resistência e luta negra teve que tomar outras formas, o fato de terem sido libertados pela utilização da lei não garantia aos negros compartilhar em pé de igualdade com os brancos os mesmos direitos de fato e os negros teriam muito menos oportunidade de transpor a condição a que fora submetido, inclusive com relação a esses estereótipos.

É nesse sentido que os negros no Brasil tiveram que possibilitar por si mesmos melhores condições de acesso aos setores sociais e elaborar uma forma de construir positivamente a ideia sobre o negro, assim proliferaram clubes e organizações negras por vários estados brasileiros, estes coletivos negros eram criados sob diferentes caracteres: político, recreativo, literário e etc. Eram movimentos para maior participação dos negros na vida nacional não deixando de enfatizar a dimensão racial pelos quais foram criados. É nesse contexto que experiência da AROL se constituiu como um importante espaço de sociabilidade e reflexão da comunidade negra de Londrina em busca de afirmar sua negritude. Os principais objetivos que motivaram essa pesquisa foram a possibilidade de analisar a trajetória da organização da população negra em Londrina e estudar a experiência da Associação de Recreação Operária de Londrina para perceber se a AROL estava em consonância com outras organizações negras que existiram no Brasil.

O processo metodológico deste trabalho foi iniciado com uma pesquisa bibliográfica sobre os Clubes e as organizações negras no Brasil, foi preciso realizar uma pesquisa nos periódicos da cidade que datam entre 1940 - 1968 para reconstruir o contexto político-econômico a qual a AROL estava inserida e também foi realizado entrevistas em profundidade sobre a experiência dos negros associados na AROL. Os dados utilizados neste trabalho também foram obtidos pelo acesso a um rico material iconográfico concedido por um membro da diretoria da AROL. Como um processo de

reconhecimento de sua própria história, os negros que se organizavam na AROL buscaram proporcionar a recreação de seus integrantes, sobretudo, possibilitar maiores condições para que os negros tivessem acesso ao conhecimento que historicamente lhe fora negado.

Ao objetivar apreender a formação da AROL foi possível perceber como se constituiu sua ação reivindicatória, especialmente como seu instrumento de luta e organização estava sim em consonância com as outras organizações negras. A elaboração do plano educacional da escola AROL nos anos 1950 sistematizou os primeiros objetivos pelo qual o Clube foi criado, bem como, quais seriam as principais contribuições do Clube negro deixaria para a cidade de Londrina. A AROL durou até o início dos anos de 1970, no entanto, a memória de sua luta e organização possibilita que a sociedade faça novas leituras da história do negro e assim repensar determinações e práticas que possam contribuir no combate ao racismo.

Procurei nesse trabalho destacar o contexto em que os trabalhadores negros dos anos de 1930 sentiram a necessidade de se organizarem em uma associação recreativa e seu significado na construção de uma identidade positiva do negro em Londrina. Atualmente vem sendo realizado um baile de celebração à memória do Clube negro e de seu líder Manoel Cypriano. Esses bailes procuram manter vivo o significado da criação da AROL e seus personagens envolvidos no cenário de luta no combate ao racismo e a discriminação racial, discussões essas que ainda hoje se fazem necessárias a fim de garantir a diminuição das desigualdades raciais, ou seja, procurei demonstrar como o Clube AROL e os atuais compromissos do movimento negro em preservar a memória do Clube negro de Londrina acabaram por proporcionar maior visibilidade a comunidade negra da cidade e evidentemente, contribui com a formação de uma sociedade que valorize a cultura negra e principalmente não nega seus movimentos de luta e resistência.

1 Londrina, Pr.: mais uma realidade contraditória

1.1 Contextualizando a cidade da **promissão**

A região norte do estado do Paraná, onde se localiza atualmente a cidade de Londrina foi povoada a princípio pela convergência de interesses por parte do governo paranaense em ocupar os chamados “vazios territoriais”¹, ou seja, uma grande floresta em que dividia espaço com grupos indígenas, caboclos e posseiros, bem como conseguir atrair novos capitais, inclusive de empresas estrangeiras que buscavam ampliar suas possibilidades territoriais de produção para fornecer a matéria-prima para suas indústrias têxteis principalmente, nesse caso representantes de altos cargos do governo inglês e o diretor do *Sudan Cotton Plantations Syndicate* organizaram uma visita ao Brasil.

Essa visita ao norte paranaense despertou um interesse muito grande do diretor da *Sudan Cotton Plantations Syndicate*, o senhor Lord Lovat pelas terras férteis da região. Mas a região não tinha nenhum suporte para o escoamento de uma possível produção de algodão para o porto de Santos, cidade do estado de São Paulo. Essa preocupação também era a de alguns fazendeiros brasileiros que já faziam o cultivo do café no norte do estado do Paraná, mais precisamente em Cambará, estes precisavam fazer com que a linha ferroviária que nesse período ia até a cidade de Ourinhos-SP chegasse a no mínimo a cidade de Cambará-Pr.

No entanto, os fazendeiros estabelecidos na região de Cambará, buscavam atrair seja capitais nacionais ou mesmos estrangeiros para a construção de uma linha ferroviária que chegasse até Jataizinho. Nesse contexto, de convergências de vários interesses é que nasce a Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP.

Reunidos em Londres, os senhores Lord Lovat – diretor *Sudan Cotton Plantations Syndicate*, Arthur Thomas – gerente dessa mesma Companhia, dentre outros cotonicultores decidiram em 1924 investir no Brasil, fundando a *Brazil Plantations Syndicate*. Ainda em 1924, visitaram o estado do Paraná e convencido da potencialidade da região por suas terras tão férteis e mais do que isso, viam o potencial da região como uma possibilidade imobiliária em seus negócios, decidiram então investir na região.

A partir de então, a Companhia de Terras Norte do Paraná subsidiária da *Paraná Plantations Ltda.* com sede em Londres na Inglaterra, começou a comprar terras no norte do Paraná, com interesses claramente imobiliários. Chegou a adquirir em cerca de dois anos (1925-1927) 515.000 alqueires de terra nessa região para iniciar seu projeto de colonização, essas terras foram adquiridas diretamente do governo do estado do Paraná, a preços relativamente baixos². Até porque esses investimentos ingleses firmaram o compromisso em construir o trecho de ferrovia que cortaria toda a região e ligaria a cidade de Cambará até a cidade de Guaíra, divisa do estado do Paraná com o Paraguai, além de se comprometer em construir e viabilizar o trânsito na região, ou seja, abrir estradas que dariam acesso à região que hoje denomina-se Londrina.

Em 1929, a CTNP enviou a essa região uma caravana que demarcaria o começo de suas terras, essa caravana abriu uma clareira, onde foi construído as primeiras construções, incluído o primeiro escritório da CTNP. Logo que se pôde, foi viabilizada a construção do primeiro hotel para que pudesse ser recebido os primeiros compradores de terras da região.

Dentre as ações da CTNP, a propaganda em jornais do país e do exterior foi a que mais deu resultado na venda dos lotes e para atingir aqueles que não eram alfabetizados foram utilizados filmes e o rádio para divulgação da região e sua fértil terra roxa, sem saúvas, não esquecendo também que a estratégia de enviar vendedores dessas terras pelo país buscando compradores, especialmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais também obteve resultados impressionantes. Essa perspectiva de enriquecimento rápido que a propaganda se pautava fez com que a região logo recebesse milhares de migrantes e imigrantes, muitos destes vieram para tentar a sorte e aventurar-se nessas novas terras que mostravam-se em cartazes bonitos e sedutores.



Figura 1. Edição do jornal *O Estado de S. Paulo*, de 28 jun. 1936. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19360628-20464-nac-0002-999-2-not>



Paraná-Norte



DR. JOÃO FIGUEIREDO
Médico
Clínica de saúde e criação - Paulo
Atende chamados para fins
Londrina
Correio Paulistano
insignias e anúncios - Norte indagação.

ANNO I

LONDRINA, 28 de Julho de 1935.

NUM. 41

CIA. DE TERRAS NORTE DO PARANÁ

**A maior empresa coloni-
zadora da America do Sul,
estabelecida dentro da
única reserva de terras
roxas, em clima admira-
vel servidas pelas me-
lhores aguas.**

**Não ha
saúvas**

**Lotes em proporção às
posses do comprador.**

**ESPLÊNDIDAS ESTRADAS
DE RODAGEM**



A Cia. Ferroviária S. Paulo-Paraná, colaboradora da Cia. de Terras Norte do Paraná, tendo construído a ponte sobre o TIBAGY, que é uma obra de grande vulto, aproximou as terras da segunda, das possibilidades dos pretendentes à compra de lotes pela facilidade e rapidez do transporte.

Os possuidores de lotes comprados à Cia. de Terras, terão desde já o barateamento, em grande porcentagem da exportação dos productos, ante a baixa verificada nos fretes da Cia. Ferroviária.

Hoje, além da inauguração da ponte sobre o rio TIBAGY, inaugura-se também o trecho JATAHY-LONDRINA. Até 30 de Agosto se dará a inauguração do trecho LONDRINA - NOVA DANTZIG e até Dezembro, ainda de 1935, o trecho NOVA DANTZIG - ROLÂNDIA.

O melhor emprego de capital, pequeno ou grande, é comprar um lote na

O milho entre o café novo, como nos lotes vendidos pela Companhia

Comp. de Terras Norte do Paraná

SÉDE
LONDRINA
E. F. S. Paulo-Paraná
Estado do Paraná

AGENCIA PRINCIPAL
São Paulo
Rua 3 de Dezembro n. 48



Dissecando n'uma fogueira, padrão de terra boa.



Assim produz o algodão

Figura 2. Última página da edição do *Jornal Paraná-Norte*, de 28 jun. 1935. Fonte: Cópia digitalizada do Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

No início dos anos de 1930, Londrina ainda contava com poucas casas de madeiras. No entanto, em poucos anos houve um rápido crescimento urbano, que o primeiro jornal da cidade o Paraná-Norte, retratou numa espécie de balanço estatístico das habitações existentes até aquela data. Segundo a matéria:

Em 1929, no local onde se ergue a cidade, não havia uma única habitação. [...] Em 1930, existia a Casa da Companhia e o Hotel [...] Em 1931, erguiam-se em Londrina, sete casas. Em 1932, a cidadezinha começava a desenvolver-se: possuía 12 casas, sendo a mais importante a do Hotel Luxemburgo. Isto até junho. Em dezembro, o número de habitações subiu a 150. Em 1933 passou a 400, para atingir 544 em outubro de 1934¹.

Dentre outras questões Londrina foi transformada em município, por sua importância econômica no que diz respeito ao desenvolvimento da região norte do Paraná. O Decreto Estadual n.º 2.519, assinado pelo interventor Manoel Ribas, oficializando Londrina como município saiu em 3 de dezembro de 1934, agora as solenidades ocorreram sete dias depois, no dia 10 de dezembro de 1934, quando também toma posse o Sr. Joaquim Vicente de Castro, nomeado pelo próprio Manoel Ribas como o primeiro prefeito de Londrina.

Esses dados históricos que evidenciam as mudanças na esfera política foram os responsáveis por impulsionar o reconhecimento dessa região como um município que crescia demasiadamente a cada ano e em poucos anos saía de uma região de plena mata, moradia de grupos indígenas e caboclos para uma cidade que estava ganhando certa importância na economia do norte do estado.

Após ter passado por duas nomeações para ocupar a prefeitura de Londrina, a própria conjuntura renunciava uma primeira eleição direta para prefeito, sendo eleito Willie Davids, que nesse período também ocupava o cargo de diretor-técnico da CTNP.

Muitos serviços públicos de infraestrutura urbana, como energia elétrica, telefonia, e serviços básicos de saúde, foram viabilizadas pela própria CTNP. Até por isso que talvez a probabilidade de um funcionário da CTNP atingir a prefeitura

¹ Jornal Paraná-Norte, 09 de outubro de 1934, vide também em Noites Ilícitas, p. 23.

da cidade por eleições diretas era quase total naqueles tempos. Desde que a cidade fora crescendo em números de habitantes, a Companhia sempre se colocou como mediadora dos processos entre o Governo do Estado e o Município que estava se fortalecendo.

A CTNP, que até então administrava extra-oficialmente o “patrimônio”, dotando-o dos serviços essenciais (água encanada, capina e limpeza das ruas, coleta de lixo) e cobrando por isso da Prefeitura de Jataizinho, queria vê-lo transformado em município e, claro, gostaria que para administrá-lo fosse nomeado alguém de sua confiança...

A empresa mediava todos os pedidos por infraestrutura e serviços básicos, quando ela própria não podia resolver, mediava pedidos ao Governo do Estado, exigindo subvenções para a resolução dos problemas, mantendo sobretudo, sua hegemonia política e administrativa sobre a cidade de Londrina², a população havia se acostumado a recorrer a CTNP. Claro, que essas intervenções coincidiam com a garantia e defesa de seus interesses, avaliando devidamente a relação de custo e benefício³.

De certa forma, essa era uma ameaça real. Pois antes, a CTNP sanava as necessidades mais urgentes da população e com isso foi utilizando seus próprios recursos para viabilizar. Nesse período, em que se institucionalizava o município, também seria preciso regulamentar a utilização o espaço público e o espaço privado, o que obviamente acabaria por regulamentar também o pagamento de impostos.

Para eles [a população], o poder ficara dividido e, diante de alguma necessidade, não sabiam exatamente a quem recorrer. A CTNP era uma potência bem estruturada, com muitos funcionários; a prefeitura era apenas uma figura jurídica, em fase de planejamento e implantação; um endereço, sem estrutura, sem funcionários e sem saber exatamente como e de que forma proceder. A CTNP, pela estrutura de que dispunha e pela experiência anterior à

² Essa hegemonia perdeu até meados de 1944, quando foi vendida a uma empresa nacional, até modificando sua razão social, passando a se denominar como Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – CMNP, como sede na cidade de Maringá (Noites Ilícitas, p.25).

³ Fincando estacas, 152.

emancipação do município, era o poder de fato. A prefeitura era o poder de direito. Mesmo depois da Prefeitura instalada, muita gente continuava a recorrer à Companhia. (BONI, 2004, p. 152)

De fato que essa situação instável na política e diariamente Londrina se deparava com maciça chegada de novos habitantes, isso causou um rebuliço na desorganizada Londrina de 1937. A população não sabia onde recorrer se precisasse de maior assistência médica, reclamar pela falta de escolas, para registrar queixas e etc, foi um período onde as etnias buscavam organizar-se criando associações, a fim de criar uma rede estruturada de solidariedade no grupo.

Nesses primeiros anos em que se estabelecia Londrina, não só chegava aqui compradores de terras iludidos pelas terras férteis e prósperas, também chegavam trabalhadores de infinitos ofícios, trabalhadores que abandonaram a zona rural especialmente do estado de São Paulo e Minas Gerais e vieram aventurar-se na cidade da promessa do norte paranaense.

Esses trabalhadores foram os responsáveis pela derrubada da mata e a abertura de estradas, pela construção dos principais estabelecimentos básicos para que a população continuasse a crescer na região. Muitos desses trabalhadores foram contratados para serviços gerais da CTNP.

Era um período em que faltava muitas coisas, inclusive momentos e espaço de lazer ao trabalhador, em meados de 1934 a cidade de Londrina contava com um campo de tênis dos primeiros ingleses, estes provavelmente vinculados aos altos cargos da Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP.



Figura 3. Ao centro da imagem o escritório da CTNP e ao lado o campo de tênis para usufruto de seus funcionários de alto padrão, 1934.

Não deixando de considerar que no ano de 1931, os imigrantes alemães fundaram a primeira escola de Londrina: a escola Alemã do Heimtal, o espaço físico da escola servia também com um ponto de sociabilidade entre aquela comunidade, lá realizava-se reuniões, bailes e em alguns momentos era reservado para a realização de cultos religiosos. Nesse momento, as diferentes comunidades étnicas foram se estabelecendo em Londrina e criando espaços privados e praticamente exclusivo de seus pares.

Com o passar do tempo, mais precisamente no final dos anos 1930, os trabalhadores de base começaram também a se organizar e tirar alguns momentos para se reunirem após o trabalho, essas reuniões começaram a se tornar frequentes na residência do Sr. Cypriano Manoel, motorista pessoal do Sr. Arthur Thomas, diretor da Companhia de Terras quando este estava em Londrina. Este Sr. Cypriano Manoel, era muito articulado no meio político e no alto escalão da Companhia até pela sua função profissional, ele vivenciava os usos e costumes dessa elite, bem como esta vivência possibilitou que o Sr. Cypriano tivesse parâmetros para a idealização de um Clube que já estava se concretizando.

Essa elite já vinha se organizando e criando espaço de lazer a seu grupo e o Sr. Cypriano Manoel, como motorista particular do Sr. Arthur Thomas vivenciava essa

congregação que surgiu logo nos primeiros anos da cidade de Londrina. No entanto, essa vivência do Sr. Cypriano era marginal, essa marginalização fez com que ele idealizasse um Clube a seus companheiros que já se organizavam em sua casa ao final do expediente, denominando-se o Clube Quadrado em contraposição ao Clube da elite da época que se chamava Clube Redondo.



Figura 4. Coquetel de inauguração que festeja a instalação de energia elétrica no Clube Redondo em Londrina. Foto de José Juliani em 11/06/1938.

Os fundamentos e objetivos começaram a tornar-se realidade no ano de 1939, esse ano foi marcado pela oficialização dessa organização operária, no entanto somente se registrou e registrou seus estatutos e regimentos internos na metade dos anos de 1950, essa organização mantinha assiduamente uma maioria negra.

O próprio Sr. Cypriano Manoel idealizava o Clube para além de uma organização operária, ele idealizou e criou a primeira organização negra da cidade de Londrina, não apenas levava o nome de Sociedade Beneficente Princesa Isabel - um momento histórico referente à população negra brasileira, tinha objetivos claramente referentes à ascensão do grupo negro pela educação, promoção de um sistema de saúde de compromisso com o cuidado da população negra londrinense e por último,

mas não menos importante a conscientização da comunidade negra da cidade de Londrina acerca do racismo, da discriminação racial e do preconceito a que cotidianamente vinham sofrendo, seja na esfera social, política, educacional ou econômica.

1.2 Discussão sobre a formação do **Clube Quadrado**

Em um segundo momento do pós-abolição, as organizações negras, onde as cidades ganhavam certa importância socioeconômica, buscavam proporcionar e promover atividades recreativas para os negros que se associavam. Essas associações recreativas que surgiram nesse período, se consolidaram tanto nas grandes cidades quanto nas pequenas, daí seu caráter essencialmente urbano⁴.

O Clube Quadrado de Londrina, foi criado com o intuito de promover atividades recreativas entre seus companheiros, a própria existência de Clubes recreativos indicava a permanência e reprodução de um processo de segregação, vinculado aos espaços de lazer⁵.

Era um Clube sem registro ou qualquer tipo de recurso estrutural, as reuniões ocorriam predominantemente na casa do Sr. Cypriano Manoel, como também há registros que também ocorriam na casa do Sr. Leodoro de Oliveira, na época corretor de imóveis, em sindicatos – em algumas atas tem-se a referência do Sindicato dos Madeireiros e os encontros da Sociedade também ocorriam na Câmara Municipal, isso já nos anos de 1950.

O anos em que o Clube Quadrado existiu em Londrina (1937-1939) foi um período em que Londrina também experimentava muitas dificuldades, a falta de saneamento, de energia elétrica, precária estrutura e assistência médica, falta de escolas, dentre outros serviços essenciais que faltavam.

A década de 1930 em questão de lazer estava muito restrita na maioria da população aos finais de semana, durante a semana ao final do expediente alguns grupos de pessoas se reuniam e acabavam por passar o tempo jogando cartado. Quando chegava o esperado final de semana, esperado pois era o período em que o

⁴ QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Coletividades negras**: Ascensão sócio-econômica dos negros no Brasil e em São Paulo. São Paulo: Ciência e Cultura. 1977, 653.

⁵ *Ibidem*.

trabalhador se dedicava a trabalhos de benefício particular, como manutenção da casa, abate de animais maiores como o porco, para a garantia da carne da semana, a caça de outros animais, aos cuidados pessoais – período onde tinha-se mais tempo a dedicar ao cuidado com a estética e a limpeza do corpo.

Como já elencado anteriormente, os diretores da Companhia e os políticos da cidade jogavam tênis numa quadra (figura 3) localizada onde atualmente se encontra a Biblioteca Pública do Município. Outra parte da sociedade com menor poder aquisitivo se reunião para um jogo de futebol, mas que mais tarde essas peladas foram oficializadas, organizadas e financiadas pela CTNP, esta por sua vez construiu um campo de futebol ao lado da quadra de tênis, surgindo o primeiro time oficial de Londrina, o Esporte Clube de Londrina.

Ainda a população encontravam outras formas de entreter-se aos finais de semana, na zona rural era muito comum se deparar com pistas de jogo de malhas e bocha. A caça e a pesca eram atividades extremamente apreciadas pelos londrinenses, atividades quase que exclusivamente exercida por homens.

Antes de se popularizar as associações recreativas, algumas vezes as famílias optavam por se reunir à noite na casa de um do grupo para os homens jogarem carteadado e as mulheres prepararem algo que pudessem comer coletivamente. Esses encontros entre famílias também se sofisticaram, tornaram se bailes – muitas vezes para comemorar a inauguração da casa, que contava com o animador do baile, o sanfoneiro⁶.

Além dos bailes, o cinema passou a ser a busca da juventude por entretenimento, em 1933 chega em Londrina o Cine Teatro Nacional e, no ano seguinte, inaugura o Cine Londrina. Em 1938 chega em Londrina o Cine São José, segundo relatos dos que viveram esse período esse cinema era o melhor e mais frequentado, por exibir películas mais modernas, como efeitos especiais já produzidos nos Estados Unidos, num dia da semana era exibidos seriados, com a característica que temos hoje nas novelas, ou seja, era exibida em capítulos fazendo com o cinema tivessem espectadores assíduos e especialmente por ter um valor mais acessível às camadas populares. O Cine São José se consolidou como um verdadeiro espaço de sociabilidade da juventude dos anos de 1930 em Londrina.

⁶ Boni, p. 341

Ainda na década de 1930, os dois Clubes existentes na cidade – o Redondo e o Quadrado, realizavam seus bailes de carnaval. O Clube Quadrado que é parte importante desse trabalho, ainda não tinha seu espaço sede, mas isso não inibia seus associados, alugavam um barracão onde hoje é a atual rua Mato Grosso no qual tinha o apelido de “Panela de pressão”. Esse baile promovido pela comunidade negra era frequentado por diferentes grupos étnicos, oriundos das pessoas de poder aquisitivo menor da cidade. Esse primeiros encontros sociais da organização negra, produziram uma vontade no grupo de realizar também concursos de beleza, não se sabe se ainda nesse período o Clube conseguiu realizar esse desejo. Sabe-se que desde 1935 já se realizava em Londrina, na alta sociedade, esse concursos e que a Srta. Maria Ap. dos Santos teria sido coroada como a primeira Miss Londrina.

O sentimento de expandir os horizontes dessa organização negra, para além de bailes e concursos de beleza, especialmente com relação ao combate às diferenciações raciais na esfera da educação, do trabalho, do acesso à cultura e saúde na cidade de Londrina, fez com que em 1939 o Clube saísse dos idealismos e se consolidasse, passando a chamar Sociedade Beneficente Princesa Isabel.

O que realmente dava suporte à iniciativa de fundar um Clube, além de outras prioridades, era a necessidade de a comunidade negra consolidar uma identidade racial no grupo para que assim coletivamente fosse discutido o racismo, a discriminação racial, desigualdades e as necessidades básicas dessa população. Tendo entrado no campo da conscientização o grupo passou a criar estratégias de enfrentamento, estratégias que tinham o intuito de alterar a ordem social.

Essas Associações ou Clubes recreativos podiam caminhar por dois rumos, um era “mundano” pautado na realização de jogos, de bailes e festas para seus associados e o outro caminho que poderia ser seguido pautava-se na ampliação dos horizontes intelectuais, alargando a instrução do grupo negro envolvido, o intuito desse caminho era possibilitar através da trajetória educacional uma certa ascensão socioeconômica.

Nesse primeiro momento, a organização dos negros londrinenses pautava suas atividades somente na recreação propriamente dita, após o expediente de trabalho reuniam-se na casa do Sr. Cypriano e ali passavam o tempo jogando carteadado. Esse espaço também foi utilizado para discutir as questões políticas e econômicas locais, as discussões passaram a ser a motivação do encontro desses trabalhadores no final

do expediente e mais do que isso, foi tomando uma proporção tão impressionante quanto a incessável chegada de migrantes e imigrantes na época na cidade.

Fala-se ainda sobre esse período que o Clube Quadrado só foi consolidado para contrariar a existência da organização elitista chamada Clube Redondo. Assim parece diminuir a capacidade de observação e articulação de uma rede de contatos que aqueles primeiros negros organizados e do próprio Sr. Cypriano teriam imaginado que poderia se consolidar dentro da comunidade negra londrinense. Em nenhum momento esse grupo racial se colocou numa posição vitimada, pelo contrário, buscavam parecer que tinham vencido a barreira econômica e intelectual da sociedade. Buscaram, sobretudo, assimilar e propagar no meio negro londrinense os usos e costumes de uma “aristocracia”.

Agora, o trabalho árduo que estes pioneiros faziam para que essa ascensão atingisse o maior número possível da comunidade era inegável. Por mais que a condição de boa parte dos negros associados ser inferiorizada na sociedade, eles buscavam transcender esse estereótipo, mostrando uma postura e conduta inquestionável moralmente. É possível notar esse elemento analisando trecho de entrevista concedida pelo Dr. Oscar Nascimento, membro da diretoria em toda a trajetória do Clube e de D. Ilda, associada e educadora da escola AROL.

A questão da identidade de um grupo é afirmada de maneira relacional com a negação do outro, o Clube Quadrado procurava se constituir em Londrina de maneira a assumir plenamente com orgulho, a condição de negro coletivamente, porque isso lhe daria maiores condições de construir uma identidade positiva de si, sobretudo, instrumentos e força política de reivindicar suas demandas. Essa solidariedade é o sentimento que os fundadores do Clube negro em Londrina enalteciam a fim de que fosse possível construir um conjunto de valores culturais que buscasse uma identidade negra comum. A busca por uma identidade do coletivo negro, historicamente foram primeiramente construídos a partir dos agrupamentos religiosos trazidos pelos africanos no período escravocrata (QUEIROZ, 1977, p. 652).

O Clube Quadrado se consolidou em Londrina negando o Clube Redondo, dos diretores da CTNP, contudo, essa negação era resultado da proibição dos trabalhadores de participarem daquele espaço de lazer criado pelos diretores da CTNP. O fato do Clube Redondo não permitir a entrada dos trabalhadores, em sua grande maioria negra era uma forma de preservar naquele espaço a prevalência e valorização da identidade branca somada à sua condição social privilegiada.

Segundo Alberto Guerreiro Ramos, o ideal da brançura, como sobrevivência da identidade do grupo branco está engendrado de tal maneira na formação psicológica do brasileiro que acaba contribuindo para a não identificação do negro que constitui a sociedade nacional e assim, dificultando o processo de integração de qualquer um dos outros grupos raciais que constituíram na formação da sociedade brasileira (RAMOS, 1947)⁷.

Nesse sentido em que o autor Guerreiro Ramos nos aponta, que podemos observar e considerar o Clube Quadrado como um movimento de vanguarda na organização na comunidade negra em Londrina e na construção de estratégia de enfrentamento, pois em 1939, a organização modifica seu nome para Sociedade Recreativa Princesa Isabel, afirmando seu posicionamento de afirmação de sua negritude diante da exploração e do silenciamento. Obviamente que atualmente existem diferentes formas de avaliar o processo de mudança de regime escravocrata para a instituição da República, mas isso não tira de maneira alguma o mérito do grupo londrinense, e sobretudo, porque de uma forma ou de outra a intensão era dar visibilidade a população negra brasileira, e dizer que a partir da assinatura do documento em 1988 essa população não poderia ser calada pela perversidade que se utilizava anteriormente.

Era um momento de esperança que se tinha, era um momento em que se achava que a partir dali as coisas poderiam ser diferentes. Todos, inclusive um dos maiores intelectuais da sociologia brasileira acreditou que a mudança econômica a longo prazo traria a democracia racial como consequência inevitável. Um grande equívoco. Muitas pesquisas foram realizadas e ainda são realizadas que evidenciam o contrário dessa perspectiva, apresentam todavia, que as desigualdades crescem no Brasil e que o grupo racial mais afetado é a população negra.

Sociedade Beneficente Princesa Isabel

Os anos de 1940 para a cidade de Londrina significaram crescimento acelerado, necessitando cada vez mais de mão de obra. Apesar do fim da segunda

⁷ RAMOS, A. G. **Pequena Bibliografia do Estudo do Padrão de Vida**. Revista do Serviço Público, Rio de Janeiro, v.2, n.1/2, mai./ jun. de 1947, p. 136 – 139.

grande guerra ter desestruturado muitos países, a recuperação ocorreu de maneira impressionante no mercado mundial. A região do norte do Paraná passou a receber um número expressivo de migrantes e imigrantes.

Obviamente que a crescente chegada de migrantes a cidade nesse período não era proporcional à necessidade ou mesmo de emprego/trabalho disponível. Esse crescimento acelerado causou por consequência o aumento da miséria. Nesse sentido, o poder público começou a buscar formas de criar espaços que pudessem ser tuteladas essa parcela da sociedade, o instrumento que se encontrou foi a utilização da força policial. Além dessas ações do poder público, grupos filantrópicos foram criados pela elite local com o intuito de “amenizar” os problemas dos marginalizados⁸.

Esse cenário pode ter influenciado a comunidade negra que já vinha se organizando no Clube Quadrado, a optar pelo caráter beneficente que se consolidou com a mudança de nome do grupo para Sociedade Beneficente Princesa Isabel. Isso porque o líder fundador o Sr. Cypriano Manoel transitava com facilidade entre os espaços em que se reuniam a elite londrinense, devido ao exercício de sua função que era motorista particular do Sr. Arthur Thomas quando este aportava em Londrina. Claro que este é um elemento que pode ter influenciado o grupo, mas também não pode ser esquecido o fato do Sr. Cypriano ter vindo de uma cidade de grande porte e de grande influência nos diferentes quesitos da vida social urbana, Campinas.

No período em que o Sr. Cypriano chegou em Londrina, o ano de 1934, a cidade de Campinas já contava com diversas organizações negras e especialmente tinha se consolidado como uma referência em imprensa negra. Foi um período de muita agitação e efervescência das reivindicações contra o preconceito racial, assim nos retrata Florestan Fernandes, quando apresenta as reivindicações levantadas pelas organizações negras da cidade de São Paulo e Campinas, especialmente:

... elas atuaram, desde o início, com as primeiras formas de pressão usadas grupalmente pelo negro. Todas as agitações, feitas no turbulento período de 1927-1931, contra manifestações concretas do “preconceito de cor” ou pela revogação de medidas discriminativas em repartições públicas, foram provocadas e dirigidas por meio dessas associações (FERNANDES, 2008)

⁸ Noites ilícitas, p. 31-32.

Esse processo reivindicatório do negro culminou no surgimento de novas formações sociais. Foram criadas diversas associações recreativas, beneficentes e culturais na comunidade negra, estas por sua vez, tiveram um papel importante na socialização do negro. Ampliaram a rede de contato na comunidade, difundiram novos usos e costumes, especialmente, contribuíram efetivamente na conscientização do ser negro, por si mesmo e para si, assim consegue-se melhor estabelecer os campos e as estratégias de expor a insatisfação de que lhe foi imposta.

A Sociedade Beneficente Princesa Isabel em Londrina passa a definir precisamente seus objetivos e o caráter que nortearia suas atividades, como nos deixam transparecer no trecho do estatuto registrado no cartório do município data de 06 de fevereiro de 1956, no qual foi retirado este trecho:

a SOCIEDADE RECREATIVA PRINCESA ISABEL, fundada em 1º de maio de 1939, na cidade de Londrina, onde tem sua sede, tem por finalidade promover entre os sócios toda a sorte de divertimento, fundar escola para a Cultura da raça negra, constituir hospital, assistência médica hospitalar, dentista e advogado. (ESTATUTO, 1956)

Notadamente, os objetivos levantados nesse trecho do estatuto do Clube que vão no sentido de suprir desde o campo de acesso ao divertimento até os serviços básicos está em conformidade com os objetivos de outras organizações negras que surgiram nesse momento pelo Brasil, bem como as primeiras motivações para o agrupamento dos negros.

A necessidade de estabelecer vínculos a partir da solidariedade dentro do grupo negro fornece-nos uma questão importante para a discussão e desconstrução do mito da democracia racial, no qual mascara a oposição dos brancos e dirigentes políticos na ascensão social da comunidade negra. Nesse momento, os Clubes e a imprensa negra acusam e reivindicam com veemência a posição que o negro ocupa na sociedade brasileira⁹.

A Sociedade Princesa Isabel em Londrina quando exprime seus objetivos e norteia suas atividades em seu estatuto, evidentemente, quer expressar para a

⁹ SILVA, Joselina da. **O clube dos negros**. *Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: UERJ. 2000, pp. 47.

sociedade londrinense a sua preocupação na construção de uma identidade coletiva de seus associados e, sobretudo, proporcionar a comunidade negra meios de ascensão social que historicamente lhes fora negado primeiro pela sua condição escrava e depois na República como forma de cercear qualquer expectativa que vá além dos serviços braçais.

1.4 Cypriano Manoel, a liderança da comunidade negra dos anos de 1930 a 1964

O Sr. Manoel Cypriano nasceu provavelmente no ano de 1900 na cidade de Amparo, estado de São Paulo, a data de nascimento do Sr. Cypriano não é muito precisa e há duas referências sobre essa informação, a primeira se refere ao seu atestado de óbito (anexo 1) que indica como data do falecimento 14 de agosto de 1964, aos 64 anos de idade; a segunda é pautada em dados fornecidos pelo Dr. Oscar Nascimento, que conviveu com ele e participou da organização negra ao qual o Sr. Cypriano foi o fundador nos final dos anos de 1930.

Dr. Oscar relata em entrevista¹⁰ que em conversas com seu amigo Manoel, como ele o chamava, o Sr. Cypriano teria lhe dito que ao chegar em Londrina, quando foi ser contratado pela CTNP a sua idade já avançada aos padrões da época lhe causou um problema, mas como ele trazia referências exemplares como profissional a Companhia preferiu diminuir sua data de nascimento em cerca de 20 anos para menos para conseguir concretizar a admissão.

Acredita-se que o Sr. Cypriano saiu de sua cidade natal ainda jovem e foi para a capital paulista, onde relatava aos amigos mais próximos ter tido uma convivência com o jovem ator Grande Otelo, esta convivência deve ter se dado pois o Sr. Cypriano já exercendo a profissão de motorista, pode ter sido contratado pela família Queiroz que adotou o ator em São Paulo. Cypriano sempre exerceu a profissão de motorista, em São Paulo trabalhou para a elite paulistana, obteve ótimas referências como profissional, tanto que na cidade de Campinas onde morou por um tempo maior e chegou a constituir família não teve qualquer dificuldade para exercer a profissão, era pelo contrário, a preferência também da elite da cidade.

¹⁰ Concedida em 24 de fevereiro de 2015.

Chegou à cidade de Londrina por volta de 1934 em busca de uma nova perspectiva de vida, a chance de prosperar junto a uma cidade que era tida com a cidade da promessa. Ainda em 1934 foi contratado pela Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP como motorista. Num primeiro momento ele dirigiu um caminhão que levava e trazia os trabalhadores que iam abrindo caminho na mata fechada ao redor da cidade, como mostra a figura 5 abaixo.



Figura 5. Esta fotografia do ano de 1937, de autor desconhecido, mostra o Sr. Cypriano Manoel a frente no caminhão de trabalho.

Não se tem registro de como acabou por ser o motorista pessoal de Arthur Thomas, um dos diretores ingleses da CTNP. Apenas sabe-se que exerceu essa função até sua aposentadoria. E durante o exercício de seu ofício, nunca atrasou para o trabalho, o Sr. Cypriano tinha uma rigidez muito grande quanto aos seus costumes, seu entendimento sobre moral e honra, ele era muito severo consigo mesmo. As famílias com quem ele trabalhou admiravam essa postura dele, ele também jamais se apresentava ao público de maneira informal.

Tanto é que o Mister Thomas tinha ele numa alta conta, quando deram umas férias para ele, falaram para ele: Manoel, a gente não conhece, você veja aí na Companhia alguém, um motorista que possa te... você estará de férias, então... [ele respondeu] Olha, eu não posso me responsabilizar por ninguém, o único que eu

conheço é fulano. Aí eles pegaram um motorista e o motorista foi pegar o Mister Thomas e chegou cinco minutos atrasado. O Mister Thomas olhou no relógio e disse: Eu não vou com o senhor, eu vou pegar um taxi. Não vou. Chegou cinco minutos atrasado! Aí ele pegou um taxi e mandou o motorista passar lá no pátio para pegar as contas... Para você ver, ele foi motorista de um elemento exigente com o Mister Thomas e com todos os elogios por nunca ter tido um deslize¹¹.

Fatos como esse contribuí para que possamos compreender era a estratégia que o Sr. Cypriano utilizou para sobreviver as perversidades do racismo e da discriminação. Essa rigidez que ainda negros se colocam para conseguirem conviverem mais harmonicamente na sociedade e, sobretudo, poderem adentrarem em espaços e relações que historicamente lhes são negados é um campo importante para a discussão. Há mais um trecho que demonstra essa estratégia do líder fundador da organização negra de Londrina:

Ele [Sr. Cypriano Manoel] era muito exigente como presidente da AROL, ele chamava a atenção dos elementos. Nós negros não podemos dar margem para que os brancos venha-nos ridicularizar, dizer negros é isso, negro é aquilo. Então, ele zelava muito pela postura não só dele, como dos elementos da AROL, da escola de samba quando saiu. Ele fazia uma preparação psicológica nas pessoas, porque ele conhecia as escolas de samba do Rio, aí ele imprimia aqueles princípios rígidos. Quando a escola de samba sai, ela precisa ter aquele espírito único, porque todos tem aquele objetivo de apresentar o melhor que tem (Dr. Oscar Nascimento)

A postura do Sr. Cypriano permitiu que ele adentrasse de certa forma e estabelecesse relações que era improváveis entre seus pares, ele foi o precursor do debate sobre a situação do negro em Londrina, idealizou uma organização de negros na cidade e concretizou fundando o Clube Quadrado. Todas as suas ações, não se pode dizer que não sofreram interferências tanto da conjuntura política que era possível na cidade de Londrina, como das experiências que ele havia adquirido anteriormente, especialmente na cidade de São Paulo e em Campinas por onde ele passou antes de chegar em Londrina.

¹¹ Trecho de entrevista concedida por Dr. Oscar Nascimento, em 24 de fevereiro de 2015.

Essas experiências foram primordiais na idealização e construção do Clube negro, pois no período que o Sr. Cypriano passa por essas duas cidades, elas já eram palco de grandes intervenções e manifestações da população negra, tinham sobretudo, uma imprensa com uma abrangência muito grande entre a comunidade. Já havia Clubes recreativos, Sociedades Benéficas, uma porção de organizações políticas e culturais consolidadas e uma partes dessas voltavam seus objetivos para a educação dos negros, como forma de alcançar uma ascensão econômica coletiva no grupo.

Ele, o líder fundador da cidade de Londrina, frequentava esses Clubes nos bailes, os concursos de beleza, provavelmente teve contato com alguns dos jornais que existiam na época. Até porque, o militante José Correia Leite relatava que esses espaços eram todos utilizados pela imprensa negra, a fim de divulgar as discussões e demandas das organizações políticas da época¹².

Quando o Sr. Cypriano chega à Londrina, ele percebe que a comunidade negra que possui um poder aquisitivo menor, talvez o único negro que ele conheceu na cidade que possuía um poder aquisitivo melhor fosse o médico Justiniano Clímaco da Silva, que em 1946 por influência do Partido Social Democrático – PSD que o convenceu a candidatar-se a deputado estadual constituinte e a elaborar um jornal que pudesse dar sustentação ao governo do estado na região. Nesse contexto o Dr. Clímaco com o gráfico Fausto Peppe, fundaram o Paraná-Jornal¹³.

As discussões políticas tinham um lugar privilegiado na vida do Sr. Cypriano, com a convivência que ele tinha com os políticos da cidade e os próprios diretores da Companhia, o líder fundador percebia a forma e o momento propício que era possível ele adquirir algo em prol da comunidade negra, especialmente com relação aos interesses e objetivos que ele tinha para a organização negra que estava contribuindo na consolidação.

Quando surge a Sociedade Benéfica Princesa Isabel em 1939 com seus objetivos já elaborados de promover um espaço de recreação à comunidade, uma escola que valorizasse a cultura e trajetória do negro no Brasil, que pudesse também proporcionar assistência médica, odontológica e jurídica de caráter filantrópico, como

¹² Cuti sobre José Correa Leite.

¹³ Ver biografia Dr. Clímaco.

pode ser constatado em documento anexado ao final deste trabalho (ANEXO 2), a partir de seus contatos, o Sr. Cypriano Manoel começa a buscar formas de conseguir apoio.

O Manoel tinha muito relacionamento, me lembro que o Sebastião Vieira Lins era deputado federal e ele tinha um relacionamento com a União Soviética, ele dava até orientação para a gente: Olha vocês fazem uns papeis e tal, que eu vou colocar lá e tal... verbas para a AROL. Então eles colocaram lá e a gente teve alguma subvenção, não muito, mas tivemos. Do resto era arrecadação nossa, ajuda da Companhia e da própria prefeitura, que ajudou bastante a AROL.

Como se observa nesse trecho e pode ser constatado em documento prestação de contas anexado ao final (ANEXO 3), a Sociedade no ano de 1955 recebeu uma subvenção do governo federal no valor de Cr\$ 50.000 (cinquenta mil cruzeiros), esse valor referente a moeda em vigor na época. Nesse momento a organização de Londrina ainda não havia construído uma sede e portanto, não era viável o cumprimento de todos os seus objetivos (conferir em ANEXO 1).

Os valores arrecadados eram utilizados para o pagamento de aluguéis referentes ao ano todo e para adquirir certa estrutura para a realização de bailes, com o tempo a Sociedade além dos aluguéis de um espaço fora adquirindo móveis e utensílios para escritório (ANEXO 4). Com os documentos que foi possível resgatar percebe que as contribuições federais iniciaram no ano de 1955 e perduraram até o final da década de 1960.

Nesse momento em que se encontra essa discussão, a intensão é dar ênfase a articulação que o Sr. Cypriano fazia para conseguir realizar os objetivos a que se propunha na formação da Sociedade. Seus contatos na CTNP, na prefeitura e até com pessoas que tinham certa influência fora do estado possibilitaram que a organização prolongasse sua sobrevivência.

O Sr. Cypriano tinha uma afinidade com a forma de fazer política de Getúlio Vargas e do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), que nasceu sob uma vertente bonapartista de Vargas, quando o Estado Novo estava em declínio e buscava formas para sua continuidade se amparou no proletariado, apesar dos pequeno-burgueses e das especificidades regionais que o influenciava, ou seja, o PTB de Vargas

incorporava as reivindicações do proletariado aos limites possíveis que o capitalismo conseguia tolerar.



Figura 6. Passeata da comitiva de Getúlio Vargas à Londrina, próximo ao carro à direita encontra-se o Sr. Cypriano Manoel.

Francisco Weffort explica que o populismo é um “estilo político manifestamente individualista”, diluindo o sentido das contradições de classe num sistema amplo e vago que chamou-se de povo. Era uma forma de se fazer política pautada na massa organizada e nos sindicatos, querendo ou não em muitos lugares o PTB se transformou em um partido representativo da classe trabalhadora¹⁴.

O pensamento entre a comunidade negra de cidades como São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro no início dos anos de 1920 partiam do pressuposto que o negro deveria buscar maneiras de se transformar para conseguir se inserir material e moralmente na sociedade e, ao mesmo tempo, procuravam formas de participar da riqueza, da cultura e da política que eram quase que exclusivamente usufruídas pelos

¹⁴ WEFFORT, Francisco C. Política de Massas in IANNI, Octávio. Política e Revolução Social no Brasil, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 182.

brancos. O que acontece é que esse pensamento se pautava no equívoco anseio do negro assimilar os usos e costumes permitidos pela cultura da sociedade¹⁵.

Os dois elementos apresentados nesses últimos parágrafos servem para elucidar a compreensão da dinâmica do pensamento do Sr. Cypriano relacionada com a conjuntura da época (década de 1950) que acabou por impulsionar o surgimento da Associação de Recreação Operária de Londrina – AROL.

Para o Sr. Cypriano Manoel, por lado, o negro deveria modificar suas auto concepções de como portar-se, de status e de papéis sociais, esforçando-se para assimilar os modelos de *ser* compartilhados pelos brancos. Essa estratégia imperante no pensamento da comunidade negra das primeiras décadas após a abolição, era a forma que estes achavam possível em seu meio para atingir uma ampla inserção do negro na sociedade que estava em processo de mudança. Por outro lado, a conjuntura em que surge a AROL (1956-7) era um momento em que a pouco as urnas haviam elegido Juscelino Kubitschek como presidente e João Goulart como vice, ratificando as inúmeras manifestações no país motivadas pela morte de Vargas. Estas por vez, contribuíram significativamente para conter o golpe em a União Democrática Nacional – UDN civil e militar sempre planejaram.

A coligação PSD-PTB para a maioria dos trabalhadores significou a garantia de que não seriam liquidadas as conquistas sociais que o trabalhador alcançou até ali, e de certa forma, significava o prolongamento da forma getulista de agir, mediar os interesses do campo institucional, os partidos políticos, os sindicatos com o capitalismo. Naquele momento, essa estratégia de certa forma, garantiu estabilidade política ao Brasil.

Em Londrina, o prefeito eleito Antônio Fernandes Sobrinho era filiado ao Partido Social Democrático - PSD com mandato de 1955 a 1959, este prefeito utilizava da estratégia de mediar as relações entre sindicato e governo, essa mediação foi que o elegeu naquele momento. Nesse período, anterior a construção de sua sede, o Clube já havia se articulado com alguns sindicatos da cidade, que eventualmente emprestavam suas sedes para a realização dos encontros da Sociedade Beneficente Princesa Isabel, bem como havia uma articulação com o poder público que permitia a utilização do espaço da Câmara dos vereadores para as reuniões.

¹⁵ Florestan, a integração volume 2, p. 37

Nesse contexto, foi propício o surgimento de uma mudança na forma de como a população negra se organizava. Obviamente, que essa mudança se deu por influência maior do Sr. Cypriano e de sua rede de contatos em sua maioria membros de sindicatos, que quando houve a alteração do nome e de algumas características da organização negra londrinense para AROL, tornaram membros da diretoria. Assim, consegue-se compreender o papel do prefeito nesse processo.

De maneira alguma pode-se pautar que a mudança de nome para AROL se deu por puro e simples desejo do prefeito da época. Como pode-se notar nessa discussão, essa é uma questão bem mais complexa e que na verdade convergiu os interesses de todos os lados.

Segundo relatos, o prefeito teria sugerido ao Sr. Cypriano Manoel ampliar a abrangência da organização que ele era a liderança, passar de uma organização com prioridades raciais para uma organização social, que aproximasse os trabalhadores e que suas ações a partir daquele momento, voltassem com maior ênfase às questões sociais, às demandas trabalhistas. Esse pensamento, era uma das estratégias utilizadas para permanência do ideal de democracia racial no Brasil, mas que havia sido ultrapassada por muitas das organizações negras naquele período, está se considerando a década de 1950. Ultrapassada, pois como foi discutido anteriormente, esse pensamento havia ludibriado as organizações negras nas primeiras décadas após a abolição.

A existência de organizações ou entidades negras sempre foi uma preocupação para o poder público, pois evidenciavam a existência do racismo, da discriminação racial, de conflitos, de preconceito... Em Londrina o problema foi resolvido naquele momento. O Sr. Manoel Cypriano era uma vanguarda na discussão racial na cidade, isso é indiscutível. No entanto, o no Hall de conhecimentos que ele possuía sobre a questão estava pautado nas manifestações, estratégias, ações e pensamento das organizações negras do início do anos de 1920 por onde ele passou antes de chegar a Londrina em 1934. O pensamento destas organizações negras convergiam especialmente, com o pensamento nacionalista e integralista da época, apesar de virem acompanhadas desde o princípio de um espírito reivindicacionista¹⁶.

Em toda trajetória do Sr. Cypriano em Londrina, esta esteve integrada com a organização negra. Ele foi o pivô das conquistas que o Clube teve, desde sua

¹⁶ Floresan Fernandes, integração do negro, volume 2, p. 39.

formação lá em 1937 com o Quadrado, passando pela Sociedade Beneficente Princesa Isabel quando foi possível colocar as ideias e objetivos no papel e criar mecanismos de pôr em prática, assim foi a intensão dele em reaver seus contatos e articular o recebimento de verbas públicas. Quando estava se tornando AROL, a construção de uma sede para abrigar, especialmente, uma escola que atendesse os interesses da comunidade negra, o Sr. Cypriano novamente se articula.

Nota-se que para o Sr. Cypriano a prioridade era conseguir, por qualquer meio necessário, desenvolver a comunidade negra de Londrina. Proporcionar à ela, aquilo que a perversidade do racismo vinha negando por detrás do discurso da democracia racial. Mesmo com a participação massiva de sindicalistas na AROL, inclusive na diretoria, o Sr. Cypriano conseguiu dar continuidade a parte dos objetivos principais lá da Sociedade Beneficente Princesa Isabel (rever em ANEXO 2) – a construção de uma escola que atendesse principalmente a comunidade negra e valorizasse sua cultura, buscando transformar as relações raciais estabelecidas; a realização de concursos de beleza, com ênfase na beleza negra; quando a AROL saia coletivamente a única bandeira levantada era pelo fim da discriminação e preconceito racial.

O espaço para a construção da sede do Clube foi reivindicada pelos membros da diretoria na primeira reunião da AROL e registrada em Ata (ver anexo 5) que destacava como uma questão de justiça, pois era uma questão de compromisso pelo prévio acordo com o Prefeito. Após uma comissão ter sido tirada naquela ocasião e se responsabilizado em falar com o prefeito, a empreitada teve sucesso. O prefeito então verifica um local onde um terreno de propriedade da prefeitura pudesse ser doado e entra em contato com o Sr. Cypriano, o local selecionado foi na rua Araguaia, 146 – Vila Nova.

Ele [o prefeito Antônio F. Sobrinho] pegou o carro da prefeitura, o motorista dele, o Manoel e eu. Aí eu consultou um engenheiro, perguntou: Aonde tem um terreno num lugar bem central ou o mais central, que seja da prefeitura que eu vou doar para a Sociedade? Aí o engenheiro viu aquele lá na Vila Nova, um terreno que é mais do que uma data. Chamou a gente e disse: Esse é o terreno e tal, se vocês acharem que está bom, eu vou pegar esse terreno e vou doar para vocês. E doou e ainda falou: Olha, e vou ajudar vocês a construírem a sede.

Tendo o terreno sob posse do Clube, seria preciso mobilizar seus integrantes para contribuir com a construção da sede contando inicialmente com um salão para realização de bailes e uma estrutura para o funcionamento de uma escola pública, o que não foi difícil na ocasião. Pois estavam todos num mesmo entusiasmo para essa empreitada. Aqueles que não conseguiam dispor de tempo para a obra, contribuía com dinheiro ou materiais necessários. Inclusive, o Sr. Cypriano conseguiu doação de madeiras da Companhia, a prefeitura estava desmanchando uma outra estrutura pública de madeira para uma de alvenaria. Nesse desmanche uma parte dessas madeiras foram para a construção da sede da AROL.

Seus discursos enalteciam a importância da solidariedade entre os negros, sobretudo, a importância de uma escola que constrói seu plano de ensino para contribuir com o desenvolvimento intelectual de um coletivo negro e o compromisso dos associados em garantir a manutenção das conquistas até ali alcançadas. Os bailes de escolha da rainha negra, procurava-se acontecer na data do 13 de maio, não para lembrar de um passado na condição de escravo, mas para construir uma nova perspectiva do ser negro e da beleza negra.

Como foi possível observar, e essa foi a intensão deste subcapítulo, a trajetória da organização negra de Londrina era misturada com a própria vida de seu líder, após sua morte em 14 de agosto de 1964 (ver em ANEXO 1) por uremia, em consequência de uma insuficiência renal as bases do Clube começaram a se deteriorar. Provavelmente, esta falência dos rins dele já vinha prejudicando sua atuação e disponibilidade no Clube e por uma questão de respeito ao papel importante que o Sr. Cypriano desenvolveu em prol da comunidade negra londrinense, ele continuou com seu cargo de presidente até sua morte.

A falta de outra liderança que pudesse se dedicar como o Sr. Cypriano Manoel, acarretou na desmobilização com o passar dos anos dos associados do Clube. O contexto político que o Brasil enfrentava (golpe militar de 1964), isso agravou ainda mais a crise da AROL, segundo relato do Dr. Oscar Nascimento.

2 ASSOCIAÇÃO DE RECREAÇÃO OPERÁRIA DE LONDRINA - AROL

Em Londrina a organização dos negros influenciada por uma perspectiva nacionalista alimentada pelo posicionamento político varguista que trazia o líder fundador, o Sr. Cypriano Manoel acabou por assimilar também a ideologia integralista. Ou seja, a forma como se organizou a AROL pode-se perceber o caráter autoritário que imperava. A diretoria era escolhida por eleição, como pode ser observado nos diferentes documentos anexados ao final deste trabalho, no entanto, tinha um caráter vitalício. Foi uma diretoria reeleita por longa data, no seu início em 1957 até 1964, apenas sendo alterado um ou outro cargo em categoria de menor poder de decisão¹⁷.

De qualquer maneira, a AROL a seu modo e com as ferramentas que dispunha buscou resgatar e valorizar a dignidade e a auto-estima de seus associados, especialmente os pertencente à população negra. Assim como buscar formas de proporcionar e impulsionar a ascensão do negro pela educação.

Para compreensão desse processo, Paul Singer fornece uma ferramenta considerável mostrando em seus estudos que mesmo que a liderança de um movimento social tenha uma preocupação pedagógica, as bases podem permanecer passivas no que se refere à produção ideológica, tendo somente uma preocupação em sanar suas necessidades imediatas¹⁸. Isso que dizer, se compararmos com o próprio movimento negro que emergiu nos anos de 1980 em Londrina, este último possui características mais radicais, sobretudo, porque contestam a estrutura e a ordem social.

Deve-se lembrar que a opção da AROL era promover certa harmonia entre os outros grupos raciais dentro de uma concepção explícita que Sr. Manoel Cypriano

¹⁷ Petronio domingues.

¹⁸ Paul singer?

convergia com Getúlio Vargas de defesa da nação, porém o respeito à ordem e a obediência às leis não significaram conformidade. A ideia era a articulação, já que naquele período reivindicações políticas eram vistas pelo grupo como ineficientes. Essa harmonia que a AROL promovia é bastante ressaltada ainda hoje pelos seus membros como uma atitude memorável.

A ação como estratégia de transformação da posição subalterna a que se encontra os negros ainda na atualidade na sociedade brasileira, não ganhou a organização negra londrinense, e seus objetivos não estavam pautados na derrubada da estrutura. Parece, nesse sentido, que sua preocupação estava em fazer com que os negros, à revelia ou não, participasse da vida social da cidade, participando de maneira ativa na vida política, na educação e etc.

A educação era a principal ferramenta para se atingir esse objetivo, era a maneira de transpor as barreiras colocadas pelo racismo, pela discriminação e pelo preconceito. Para a organização da AROL a integração seria possível a partir de uma ação disciplinada, dentro dos limites da ordem e da legalidade. É possível compreender essa escolha por uma ação disciplina da AROL, quando aparece a informação de que as poucas manifestações em que o Clube saiu às ruas, estas por sua vez, eram informada e organizadas juntamente e com o aval da prefeitura. Também quando é exposto um documento (ver em anexo 6), referente à primeira posse da diretoria da AROL, o documento mostra a composição da chapa e como um dos “presidentes de honras” aparece o nome do então prefeito o Sr. Antônio Fernandes Sobrinho.

Outro elemento que evidencia essa estratégia da AROL, é na coroação da rainha negra no baile de comemoração ao dia da abolição e também a data de aniversário da entidade, em que a primeira dama entrega a faixa e dá os cumprimentos, a festividade também conta com a presença do prefeito e outras autoridades. Parece que cada ação precisava ser legitimada pelo poder público, especialmente. Claro, a valorização da beleza negra está num lugar de contraposição da ordem, onde o padrão de beleza referencial é o branco.

Os bailes e eventos sociais da AROL eram perpassados por uma extensa preocupação da diretoria, especialmente ficando a cargo de seu líder fundador, em realizar ações pedagógicas como discursos e exemplos de conduta moral, ou seja, toda a forma necessário que pudesse contribuir com o aperfeiçoamento e elevação cultural dos seus associados assíduos nesses eventos.

A conduta do negro membro da AROL nos espaços públicos era pauta da maioria dos discursos do presidente, sobretudo, nas festividades carnavalescas (a AROL contava também com uma escola de samba, a Unidos da Vila Nova. A disciplina cobrada adivinha do próprio Sr. Cypriano, sob a pretensão de que uma das formas do negro evitar ser discriminado era estar sendo com uma postura incontestável.



Figura 7. Festividade de inauguração da sede da AROL em 1958, ao centro da está primeira dama e o prefeito o Sr. Antônio F. Sobrinho, sobre os outros componentes não há conhecimento, ao fundo em pé está o Dr. Oscar Nascimento

A união da organização negra com os sindicatos da cidade também era bastante revisitada nos discursos e nas reuniões da diretoria, nas primeiras atas da AROL, consta inúmeras vezes a presença do trabalhador, a questão racial a que se propunha no início da organização negra, a Sociedade Beneficente Princesa Isabel é praticamente retirada de pauta. Praticamente, porque o lugar que ela aparecia era na organização dos bailes anuais de coroação da rainha do Clube, a defesa do Sr. Cypriano consistia em protagonizar a beleza negra.

Há de se notar que de maneira alguma o caráter autoritário e vitalício da diretoria do Clube fora contestada. Muitas vezes era até reafirmada, como a forma possível que os negros tiveram para manterem-se congregados para o cumprimento de seus objetivos.

Primeiramente diagnostica-se uma crise e um certo despreparo para

enfrentá-la. O despreparo de forma alguma seria de responsabilidade de seus integrantes, mas de forças externas que desejavam de controlá-los e cooptá-los. Marilena Chauí demonstra como os integralistas utilizavam a crise para constituir um medo que justificasse suas ações. A crise e o carisma permitiria construir um problema comum ao grupo, fornecendo as desculpas necessárias para o recrudescimento das hierarquias e repressão contra aqueles que a contestassem.

Nesse contexto, surge então, a responsabilidade do Sr. Cypriano em defender, em prol da preservação de uma imagem externa positiva construída, certos valores, necessária para a existência dos bons costumes. Para Chauí, a centralização do poder é a consequência lógica do uso político da imagem de uma crise ou problema. O líder acaba ganhando poderes totalitários e os outros membros opositores ou não, não mais discordam.

O nacionalismo tão defendido pelo líder fundador da organização negra permitiu com que fosse possível elencar elementos raciais, sociais, políticos e a própria união com os sindicatos da cidade (dos Madeireiros, dos Viajantes Comerciais) com a preocupação analisada anteriormente de consolidar a visão do negro como parte do todo. Transforma o racismo e o preconceito em parte da conspiração ligando o destino do negro ao da própria nação. Tanto as lideranças do Integralismo como da FNB tiveram berço no mesmo movimento social ligado às críticas à República, por questões de saneamento, higienização, educação, segurança e etc.

A análise de Petrônio Domingues sobre o início da Frente Negra Brasileira - FNB evidencia o que já fora discutido anteriormente, pois explora essa relação de proximidade dessa organização negra com o governo de Getúlio Vargas e seu interesse, mostrando como a FNB além de receber visitas constantes de autoridades como o Chefe de Polícia do Estado e de um general Militar, a direção da FNB comunicava a Delegacia de Ordem Política e Social (Deops) todas as suas atividades. Acredito que assim como a FNB a AROL tinha a preocupação em manter uma imagem de uma organização ordeira e legalista, concomitantemente, defender um tipo de governo que convergia com o modelo de gestão defendido pela entidade: nacionalista e autoritária.

Não há dúvida de que o nacionalismo era um denominador comum na imprensa negra da época em que o Sr. Cypriano Manoel viveu em São Paulo e Campinas. No entanto, haviam diferentes grupos que faziam outros tipos de

encaminhamentos que no final chegavam ao mesmo lugar da FNB. No jornal Clarim da Alvorada, por exemplo, o nacionalismo de seus editores não impediu a existência de colunas sobre a situação dos negros fora do Brasil, muito menos uma leitura socialista dos problemas e das soluções para o Brasil.

Com o rumo tomado pela organização negra de Londrina, em 1957 quando se torna Associação de Recreação Operária de Londrina - AROL em diluir as discussões raciais no sentido de intervenção nas demandas sindicalistas e de cunho geral (ver anexo 12) em que o Sr. Oscar Nascimento agradece a posse da nova diretoria e diz: Congratulando-se com os companheiros de direção e conscitando-os para a luta em favor da sociedade, ou seja, o lugar privilegiado que antes a questão do negro tinha na Sociedade Beneficente Princesa Isabel (rever no anexo 2) onde as ações eram voltadas exclusivamente para a assistência e desenvolvimento da população negra londrinense, agora limitava-se a festividade de comemoração ao 13 de maio que também era a data em que se comemorava a fundação da AROL, com a realização do concurso de beleza que coroava sempre uma mulher negra (ver anexo 10).

De certa forma, isso devia ter sido frustrante para o Sr. Cypriano Manoel, mas consequência de suas alianças arbitrárias. Em uma das Atas da AROL, nota-se a presença da reivindicação do Sr. Presidente logo após a construção da sede, dos membros da diretoria viabilizar uma caixina para que fosse concretizado um dos objetivos da Sociedade Beneficente Princesa Isabel – a construção de um hospital sob direção Clube. Mas a partir das notas de despesas que ser conferida ao final do trabalho alguns dos recibos dos pagamentos que realizados a cada baile (anexo 14) e o que se gastava para a realização dos bailes, um cobria o outro. O Clube já tinha a responsabilidade com a escola municipal, em funcionamento na sede da AROL. O hospital acabou que nunca foi concretizado.

Percebe-se que desde muito cedo a AROL tinha dificuldade em organizar um número significativos de seus sócios para uma assembléia, há nas Atas vários momentos em que tinha que aguardar algumas horas para ter o número necessário para reelger a diretoria. Agora, os bailes e festas carnavalescas estavam sempre lotadas, isso demonstra a falta de articulação política que o Clube tinha com a população negra em geral de Londrina. Talvez isso seja reflexo da política que se tinha na Associação.

Essa situação se agravou quando o Sr. Cypriano Manoel ficou doente,

decorrente de uma diminuição gradativa do funcionamento dos rins. No ano de 1964, as assinaturas ao final das Atas eram de números ínfimos, contando com 3 ou 4 assinaturas, não chegava a 10% do números de associados registrados (426) que até pagavam mensalidade. Nessa Ata em específico (anexo 11) de posse da diretoria, consta que havia cargos vagos e que até aquele momento não tinha pessoas para ocupar, ficando posteriormente resolvido o problema.

Essa falta de assiduidade também poderia comprometer o funcionamento da Escola Municipal AROL, todavia, porque no ano de 1964 a organização já não recebia regularmente as verbas nem do governo federal, nem da prefeitura. Isso comprometeu de tal forma que a escola, que em 4 anos o Departamento de Educação e Assistência Social – DEPAS interditou o prédio.

Cerca de dois anos após a morte do líder fundador o Sr. Cypriano Manoel, em Ata de 3 de outubro de 1967 (ver anexo 13) já percebe-se que há uma preocupação com o fato do Clube não ter a posse da escritura do terreno onde foi construída a sede, como foi elencado esse elemento anteriormente é de conhecimento do leitor que o terreno foi doado, mas essa doação não passou pela Câmara, assim não sendo oficializada.

Mais tarde, com o fim da escola AROL, e os bailes sem condições de serem realizados na sede, em 1970 a sede do Clube é alugada à um senhor, no contrato de locação (anexo 15) informa que a locação permite a realização de bailes, festividades e inclusive, exploração de bar, o valor cobrado é de Cr\$ 150.000 (cento e cinquenta mil cruzeiros).

Em 1971 o Clube recebe uma proposta e aluga o espaço para a realização do culto religioso da Igreja do Evangelho Quadrangular, que num primeiro momento, referia-se ao período de seis meses, conforme contrato de ocupação anexado ao final (anexo 16), no que se tem registro (ver anexo 17, referente aos recibos de pagamentos dos aluguéis) a Igreja continuou alugando o espaço até 1974.

Apresentado esse contexto em que se encontrava a AROL e as próprias ações de abandono do espaço, como alugar para outra entidade teve consequências irremediáveis para a memória da organização negra que surgira lá nos primeiros anos de Londrina (1937) e quando se tomou consciência já era tarde demais. Nos anos de 1980, no governo do Belinatti, a AROL recebe uma informação de que perderia o terreno e a estrutura de madeira. O espaço e o terreno estava sendo reivindicado por justa causa pela mesma igreja que acredito que desde 1970 estava alugando e

pagando os devidos aluguéis.

Logo se articularam um grupo de pessoas, nesse período estava germinando um novo movimento, um movimento negro com outras formulações políticas, mais radicais e de intervenção na estrutura das relações raciais, para impedir a perda do espaço, a principal alegação foi que ali era um ponto de memória para a comunidade negra e um patrimônio para a cidade de Londrina. Os esforços não tiveram sucesso.

É provável que a entidade religiosa tenha descoberto que o Clube não tinha a escritura do terreno e que aquele é um terreno de uma doação pública irregular, portanto, o Clube estava cobrando indevidamente aluguéis pelo espaço, que era um espaço público.

A alegação da entidade religiosa se pautou especialmente nessas questões, somadas ao abandono e que ela havia investido já no espaço, construindo uma casa de moradia com dois banheiros e também uma varanda.

A maneira cuidadosa com que deve ser tratada essa questão da AROL, não é apenas importante no âmbito da história das origens do movimento negro londrinense mas, sobretudo, para a história dos movimentos pelo fim do racismo. Refletir sobre a história de aproximação do integralismo/nacionalismo em um dado momento da trajetória do movimento negro de Londrina, é destacar como a história é cheia de conflitos e incoerência. Diz Sueli Carneiro a esse respeito, *cada vez que exigem de mim uma 'coerência', que eu como negro funcione segundo aquilo que você entende que seriam os meus interesses legítimos, você está reduzindo a minha humanidade*¹⁹.

2.1 A AROL e a questão da educação

Embora a educação no Brasil tenha sido a principal forma de ascensão social, a limitada presença da população negra no processo educacional pode ser caracterizada a partir das contradições expressas no sistema educacional, isto é, a cor da pele opera como um elemento negativo no desempenho escolar e no tempo de permanência na escola. Para a população negra, esse contexto adverso, da inclusão

¹⁹ Sueli carneiro revista caros amigos.

marginal e das práticas de discriminação racial a cidadania plena continuava distante²⁰. Neste contexto é que a população negra se organizou, criando as primeiras associações, considerando a educação como o pontapé inicial para a ascensão social do negro.

Segundo Hasenbalg²¹, os negros acompanharam a expansão do sistema educacional elevando sua taxa de alfabetização. No entanto, os progressos educacionais dos negros foram mais lentos do que o grupo branco, isso se agrava se forem considerados os níveis educacionais superiores²².

As tentativas da população negra de criar escolas após a abolição nem sempre foram exitosas, em virtude de vários fatores: falta de recursos, ausência de apoio estatal, precária qualificação pedagógica dos gestores dos projetos etc. O problema é que muitas dessas escolas funcionaram durante pouco tempo.

Em 1944 o Teatro Experimental do Negro – TEN fundado e coordenado por Abdias do Nascimento na cidade do Rio de Janeiro promovia cursos de alfabetização, esses cursos significavam um compromisso dos militantes com a propagação de uma afirmação positiva da identidade negra e de sua cultura. Nas primeiras décadas posteriores à abolição havia uma maioria de pessoas negras analfabetas no Brasil, com o surgimento das Associações e Clubes negros a preocupação com a educação dos negros se materializou pelo Brasil com a criação de escolas populares vinculadas aos Clubes. Essa estratégia visava possibilitar aos negros melhores condições de vida, sobretudo, melhores condições de competir no mercado de trabalho (MUNANGA; GOMES, 2006)²³.

Na cidade de Campinas, no ano de 1902, Francisco José de Oliveira, fundou a escola que se chamava São Benedito com o intuito de alfabetizar os jovens negros. Já em 1907, a escola contava com 272 estudantes matriculados, um ano depois (1908) a escola contava com 422 estudantes (Domingues, 2008). Dentre outras sociedades beneficentes que deram uma atenção significativa à formação educacional da população negra.

²⁰ petronio

²¹ HASENBALG, Carlos. **Discriminação e Desigualdades no Brasil**. 2ª edição. Belo Horizonte: Humanitas, 2005, pp. 189-202.

²² *Ibidem*, p. 199.

²³ MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. Belo Horizonte: Global, 2006, p. 121-124.

Foi o caso da Associação Beneficente Centro da Federação dos Homens de Cor, que abriu uma escola mista chamada São Benedito. Suas atividades eram realizadas na Rua Brigadeiro Galvão, 70-A (*O Combate*, 13 maio 1915, p. 1). Já a Sociedade Beneficente Amigos da Pátria era a responsável pela escola Progresso e Aurora. Aberta no dia 13 de maio de 1908, era dirigida por Salvador Luís de Paula, um negro ex-ativista do movimento abolicionista. Em 1919, a *Progresso e Aurora* também abriu classes mistas, uma raridade para a época. Essa foi a escola de negros de maior longevidade na cidade de São Paulo (DOMINGUES, 2008).

A FNB foi a organização negra que desenvolveu iniciativa educacional, com a construção de um plano pedagógico de certa forma específico e definido. Foi uma organização que proporcionava aulas tanto no período diurno como no noturno. Alfabetizava, e também conseguiu instituir disciplinas como gramática, geografia, história, aritmética e geometria. Manteve com recurso proveniente de seus membros e educadores uma biblioteca, promovia palestras culturais constantemente, a FNB impulsionou o amadurecimento movimento negro em São Paulo que emergia naquele período²⁴.

A presença da população negra no processo educacional formal é marcada por contradições, os mecanismos de discriminação no sistema educacional, cujos efeitos atingem especialmente aos negros. A cor da pele passa a ser um elemento no qual afeta prejudicialmente o acesso, o desempenho escolar e a permanência na escola.

Na história do Brasil, diversas medidas foram tomadas para que a população negra não acessasse espaços que impulsionasse seu desenvolvimento, nesse período, essas medidas eram institucionalizadas.

Como por exemplo, a Lei complementar a Constituição de 1824: pela legislação do império, os negros foram impedidos de frequentar as escolas, pois, eram considerados doentes de moléstias contagiosas e o grupo social dominante do Brasil sabia que o acesso ao saber sempre foi uma alavanca de ascensão social, econômica e política de um povo. Então os racistas brasileiros utilizaram de diferentes mecanismos para restringir o acesso do negro à educação (SANTOS, 2003).

Uma das manifestações do racismo na escola está na presença dos estereótipos nos materiais pedagógicos e especificamente nos livros didáticos, a presença desses estereótipos pode promover a exclusão, a cristalização do outro em

²⁴ petronio

funções e papéis estigmatizados pela sociedade, a auto rejeição e a baixa autoestima, que dificultam a organização política do grupo estereotipado. Os estereótipos têm uma função importante nesse processo, uma vez que é através deles, em grande parte, que as ideologias se manifestam nos materiais pedagógicos.

O professor pode vir a ser um mediador inconsciente desses estereótipos se for formado com uma visão acrítica das instituições e por uma ciência tecnicista que não contempla outras formas de ação e reflexão. Não irá questionar de que forma o negro é tratado nos livros didáticos ou mesmo nos livros de literatura disponíveis ao estudante da escola pública. O negro é frequentemente tratado como escravo, sem apresentar os inúmeros movimentos de resistência que surgiram no sistema escravista.

A desconstrução da ideologia reproduzida na escola e em outras esferas da sociedade abre a possibilidade do reconhecimento e aceitação dos valores culturais do grupo marginalizado, bem como a sua aceitação por indivíduos e grupos sociais pertencentes a outras raças, facilitando as trocas interculturais na escola e na sociedade.

Desde a Sociedade Beneficente Princesa Isabel, o líder fundador da organização negra em Londrina idealizou a possibilidade de vincular a proposta de discussão da situação do negro com um plano pedagógico de ensino. Não se tem nenhum registro referente à existência de um plano pedagógico diferenciado. A estratégia era proporcionar à comunidade negra acesso à educação enquanto coletivo.

A existência da Escola Municipal AROL na cidade de Londrina não foi longa, como também a maioria dos educadores que lecionavam na escola, não advinham da organização, eram educadores que não participavam da vida daquelas crianças. Na pesquisa realizada não constou que os professores que lecionavam na escola participasse do Clube, com exceção de D. Ilda que lecionava na escola e frequentava assiduamente os bailes e que provavelmente era a única professora negra do quadro de educadores.

O diferencial maior da escola AROL foi ter por toda a sua existência um diretor negro, o Dr. Oscar Nascimento já formado em economia e na ocasião em que se formou a escola estava estudando direito. Obviamente, que deve ter sido um desafio pra ele, pois ele não fez magistério. Levou a escola com seus princípios humanitários, com sua experiência na organização e especialmente, na sua trajetória educacional

A escola AROL em sua curta trajetória teve poucos recursos financeiros para encaminhar suas atividades, nota-se que a verba que vinha da prefeitura era quase que totalmente utilizada para fins de limpeza e reposição lâmpadas, cortinas (ver anexo 18). Vê-se que era irrisória a contribuição financeira que a AROL recebia em mãos, também era prefeitura a responsável por efetuar o pagamento dos professores.

Quando a AROL consegue construir sua sede, no projeto de construção já estava previsto um espaço destinado à escola AROL. A escola chegou em seu poucos anos de vida a funcionar com turmas em 3 períodos, sendo o noturno direcionados à alfabetização de adultos, tinha na escola uma biblioteca própria mas esse é um elemento que não aparece em documento nenhum, não aparece em nenhuma nota fiscal a compra de qualquer que seja o livro, essa informação aparece apenas em entrevista com o Dr. Oscar Nascimento. Aliás, nem nas reuniões do Clube colocava-se na pauta a escola.

Não se discutia sobre a escola, pode ser que dentro daquelas preocupações e concepções políticas, a escola também foi colocada num plano secundário. A data do 13 de maio era dia de festa na escola direcionada às mães e às crianças quando a data caía em dia letivo.



Figura 8. Festa para as crianças, no dia 13 de maio dia da abolição e da data de fundação do Clube.

É notável no arquivo iconográfico preservado da escola AROL que dentre o corpo estudantil havia tanto negros quanto brancos, a diversidade que foi proporcionada naturalmente promoveu uma interação importante naquele ambiente escolar e pode, sobretudo, ter contribuído naquele momento com uma maior tolerância em relação a diferença na vida daquelas crianças.



Figura 9. Crianças posando para a foto no parque infantil do pátio da sede da AROL.

Nas fotos de sala de aula é evidente a presença de algumas das personalidades negras, como José do Patrocínio, Luiz Gama e Zumbi dos Palmares. Atualmente, muito estudos foram realizados e afirmou-se sobre o papel importante de símbolos como esse na convivência da sala de aula, é parte de um projeto pedagógico de educação em respeito às diferenças.

De modo geral, a Escola da AROL conseguiu atingir seus objetivos quando se propuseram a criar a Escola, especialmente, conseguiu ser um diferencial na cidade, pois em suas paredes havia fotos e imagens de alguma das personalidades negras

que representavam a resistência negra, seja do período da escravidão como Zumbi dos Palmares ou personalidades da contemporaneidade, como Solano Trindade.



Figura 10. Interior da sala de aula da escola municipal AROL, em pé encontra-se Dr. Oscar Nascimento, então diretor da escola.

Nesse sentido, pode-se considerar a escola AROL vanguarda, pois havia uma preocupação da diretoria em proporcionar aos estudantes, por um lado uma convivência com a história do negro, fora da passividade e por outro lado o próprio protagonismo negro dentro da organização a qual ela fazia parte. Era um espaço onde o negro aparecia quebrando certos conceitos, isso deve-se ao Sr. Cypriano pois exigia que o membros do Clube estivesse sempre de trajes formais, esse elemento também entra num campo simbólico importante, pois traz consigo uma ruptura com que se espera do negro.

2.2 A recreação na AROL

O caráter recreativo do Clube AROL, foi o que mais teve visibilidade na cidade de Londrina. Desde o Quadrado, a organização negra de Londrina realizava bailes a fim de proporcionar um espaço de sociabilidade à comunidade. Mas foi quando o Clube se tornou AROL que começou a ser realizado concursos de beleza, eles promoviam um baile anual para a escolha de sua rainha, no qual as candidatas deveriam ser negras e associadas ao Clube, esse era um critério para a participação, isso se iniciou em aproximadamente 1959. Esses bailes de coroação da rainha por



Figura 11. Coroação de Santina Pereira, a primeira rainha do Clube AROL em 13 de maio de 1959. Autor da foto desconhecido.

muitas vezes era marcado com a presença de autoridades públicas, que simbolicamente coroavam a candidata eleita.

A inclusão dessa coroação nos bailes do Clube se caracteriza em uma tentativa de enaltecer e valorizar a beleza da mulher negra. As negras e os negros vestiam roupas que muitas vezes eram feitas para aquela ocasião, valorizavam seus cabelos crespos e isso consistiu em instrumento bem-sucedido dentro da comunidade e especialmente entre os jovens que passaram a afirmar a sua negritude através do reconhecimento de seu corpo e cabelo negro. Era um momento de orgulho.

Os concursos de beleza eram realizados em diversos Clubes e Associações negras, como a mulher negra era pouco valorizada com relação à sua beleza pela sociedade, isso porque eram apreciadas características como sua ligação maternal,

sobretudo, com as crianças brancas e seus diversos serviços que prestava aos brancos, as organizações negras procuravam dar outro significado às suas capacidades e beleza²⁵. Houve experiências no TEN e Renascença Clube no Rio de Janeiro, no Aristocrata Clube em São Paulo e outras importantes organizações negras que valorizam e resignificavam a imagem do corpo e cabelo da mulher negra.

Em relação às manifestações da sociedade civil de Londrina na época de funcionamento dos bailes promovidos pela AROL, há um documento²⁶ destinado ao Presidente da Câmara Municipal de Londrina e outro ao Delegado de Polícia de Londrina, mostrando a angústia dos moradores de um dos locais onde eram realizados os bailes promovidos pela AROL, no qual é deixado evidente que os moradores consideravam as reuniões festivas como “*famigeradas reuniões dançantes do baixo meretrício*” que predominava a imoralidade e promovia reunião de “*elementos de conduta pouca recomendável*”²⁷.

Atitudes como essa acabou evidenciando o caráter tradicional e conservador da cidade de Londrina na época em que a AROL, um Clube de negros, estava em pleno funcionamento e mais ainda, a dificuldade da população negra da cidade expressar a sua liberdade de lazer.

Há outro documento²⁸ em que o Presidente da AROL, Dr. Oscar do Nascimento envia ao Comandante da Guarnição do Corpo de Bombeiros de Londrina em que repudia a ação de dois soldados desta mesma jurisdição, no qual um estava fardado, estes promoveram arruaças que segundo o Presidente da AROL, resultou em danos materiais e morais. Essas situações expressam a intolerância da sociedade, executadas muitas vezes pela polícia, para com as pessoas pertencentes a grupos estigmatizados, nesse caso a população negra.

²⁵ QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Coletividades negras**: Ascensão sócio-econômica dos negros no Brasil e em São Paulo. São Paulo: Ciência e Cultura. 1977, p. 657.

²⁶ Carta de Introdução do abaixo-assinado dos moradores da rua Benjamim Constant e rua Mato Grosso do dia 08 de junho de 1967, Londrina- Pr. Endereçada ao Presidente da Câmara Municipal de Londrina, assinado pelo presidente da associação de moradores João Schiavinatto.

²⁷ Informação retirada dos documentos concedidos pelo ex-presidente e ex-secretário geral da AROL, Dr. Oscar do Nascimento.

²⁸ Ofício nº 105/66, assinado pelo presidente da AROL, Dr. Oscar do Nascimento destinado ao Comandante da Guarnição do Corpo de Bombeiros de Londrina, do dia 19 de setembro de 1966, Londrina-Pr.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

3.1 A política integralista da AROL

Nos anos de 1980 a Câmara de vereadores revogou o decreto de doação do terreno onde se localizava a sede que nesse momento não se realizava mais nenhuma atividade e pediu a reintegração de posse do terreno. Os antigos associados do Clube viram a necessidade de se reorganizar a fim de contestar essa decisão da prefeitura, uniram-se então com o movimento negro, levando uma proposta de tombamento como patrimônio histórico de preservação da memória da comunidade negra da cidade. A proposta não foi considerada legítima e o terreno foi repassado para a Igreja do Evangelho Quadrangular, que demoliu a sede e nunca construiu meia parede no lugar. O projeto da igreja era construir uma creche, mas como não conseguiu cumprir as normas exigidas pela prefeitura, abandonou o local após aproximadamente cinco anos.

A proposta do movimento negro, agora incluídos os antigos associados da AROL não obteve sucesso na preservação do espaço físico para que fosse futuramente o museu do negro de Londrina, mas essa aliança acabou sendo permanente. Tanto que atualmente vem sendo realizado um baile de celebração à memória do Clube negro e de seu líder Manoel Cypriano. Esses bailes procuram manter vivo o significado da criação da AROL e seus personagens envolvidos no cenário de lutas de combate ao racismo, da discriminação racial e especialmente da afirmação de uma identidade negra.

Londrina é marcada por uma colonização recente (1929 e início da década de 30) comandada pela Companhia de Terras Norte do Paraná que comercializava os lotes de terra – atraindo migrantes estrangeiros e nacionais²⁹. A busca por esses lotes visava a produção agrícola, possibilitando o enriquecimento dos imigrantes que possuíam o capital para investir, assim, dificultando o acesso e desenvolvimento de grupos que não detinham esse capital investidor, inclusive a população negra.

Sobretudo, porque a terra no Brasil sempre foi um meio de produzir riquezas e, portanto sempre foram utilizados instrumentos para que a terra ficasse em posse dos grupos hegemônicos, pois se ela fosse democratizada e distribuída aos grupos

²⁹ FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**, Vol. 1. Editora Globo. São Paulo, 2008.

marginalizados as riquezas que a terra produz não ficariam em posse de pequenos grupos. Dentre esses grupos marginalizados destaca-se a população negra que em vista do contexto racial do Brasil não havia um interesse de se constituir uma classe média negra³⁰, até porque o Brasil ainda estava em um processo de branqueamento da população (SANTOS, 2003).

Nos registros oficiais³¹ da cidade, nota-se a tendência de preservar a memória dos grupos hegemônicos³², ressaltando os ingleses que contribuiu para a formação da cidade com o investimento de seu capital. Nesse contexto³³, os que se beneficiaram foram aqueles que puderam comprar seu lote de terra, é destacado na história oficial como colonizadores da cidade. A característica da colonização de Londrina provavelmente foi influenciada pela ideologia de branqueamento³⁴ da população brasileira que imperava na época.

Essa ideologia de branqueamento da população brasileira, foi institucionalizada por um decreto de Lei assinado por Getúlio Vargas em 18 de setembro de 1945, segundo o autor Abdias do Nascimento esse decreto regulava a entrada de imigrantes de acordo com (...) a necessidade de preservar e desenvolver na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia (NASCIMENTO, 1978, p. 71)³⁵.

Através do discurso oficial presente nos livros de história, sobre a colonização e desenvolvimento da região norte do Paraná surge a figura do “pioneiro” – aquele que primeiro desbravou a região transformando-a com o plantio do café, tornando-se em um dos produtos que mais contribuiu para o desenvolvimento econômico dessa

³⁰ Para se consolidar uma classe média negra no Brasil, esse grupo deveria ter tido acesso a educação básica e superior, assim tendo acesso aos cargos de prestígio, como também a terra.

³¹ A trajetória da população negra de Londrina não é encontrada no Museu da cidade, como também nos livros que recontam a trajetória dos grupos que contribuíram para a formação da cidade de Londrina.

³² Entendo como grupos hegemônicos aqueles grupos que por terem investido capital financeiro para a formação da cidade estabeleceram certa hegemonia sob os grupos que não puderam fazer tal investimento. Dentre esses grupos ressalta-se os ingleses, que embora em pequeno número possuía o poder financeiro. A maioria dos negros que veio para Londrina nesse período, não conseguira comprar um lote de terra e produzir para gerar riquezas, pelo contrário, muitos vieram trabalhar como mão-de-obra para esses grupos que compraram um lote de terra, portanto, a população negra de Londrina não se estabeleceu como grupo hegemônico da cidade.

³³ Além da migração europeia, ou seja, de ingleses, italianos, alemães e etc, também deve ser ressaltado a migração interna de: paulistas, mineiros e nordestinos.

³⁴(...) não se pode negar que o discurso do embranquecimento está intimamente relacionado às aspirações da elite dominante no Brasil, e foi explicitado no apoio dado pelo Brasil para a política de imigração europeia no século XIX e durante as primeiras décadas do século XX (SEYFERTH, 1995) *in* Revista Ágora N.3, NOV-2008, A mistura das “raças”: o caso brasileiro – Francisco Carlos de Lucena.

³⁵ NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

região. Portanto, valoriza-se a memória dos ingleses e de outros grupos considerados pioneiros, mas ao mesmo tempo ocorre o silenciamento da memória de uma população que contribuiu para a expansão da cidade, a população negra.

O ideal de branqueamento funcionou como um reforço simbólico dos estereótipos atribuídos a população negra e também obteve ampla aceitação popular, pois deu continuidade a um processo que condicionava o comportamento dos negros, através de esforços de branqueamento social e biológico. Esse por sua vez, foi assimilado por algumas das organizações negras que surgiram nas primeiras décadas após a abolição.

A busca por alternativas a violência ajudou a estabelecer a concepção de cordialidade da população branca para com a negra, no entanto, legitimou a dissolução das tensões raciais na cidade, o que observou-se no decorrer desse texto que esses dois grupos em Londrina convergiam nesse sentido.

Os direitos e deveres sociais se dessem em conexão com a condição racial das pessoas, estas não só deveriam “saber o seu lugar” como também agir e viver de acordo com as conveniências, obrigações e com as imposições que essa condição racial permitia. Em suma, os padrões tradicionalistas das relações raciais adquiriram uma aparência de uma democracia, porém preservando a essência do antigo regime³⁶. Esse foi o campo em que a organização negra de Londrina com seu método buscava transpor.

O fato de se estabelecer uma cordialidade dos brancos para com os negros fizeram com que algumas manifestações de racismo ficassem camufladas e adotassem algumas justificativas, por exemplo o caso do Clube, não quer dizer que essa também não constituía numa escolha estratégica consciente.

O preconceito e a discriminação racial se constituem como consequências inevitáveis do escravismo. A persistência destes é interpretada, segundo Fernandes, como um fenômeno de atraso cultural e, evidentemente possuem a função de manter a distância social e o padrão de isolamento sociocultural dos negros.

Neste trabalho somente ocorreu a apresentação das principais organizações negras que tiveram seu início a partir da década de 1930, como a FNB. Para que nos ajudasse a compreender qual foi o pensamento em que se baseou o líder fundador da AROL, quando idealiza uma organização de cunho racial para Londrina.

³⁶ *Ibidem.*

Desde a chegada dos primeiros negros vindos principalmente dos estados de São Paulo e Minas Gerais, esses negros se sentiam discriminados pelo fato de haverem Clubes Recreativos frequentados especialmente pelos membros do poder público e do poder privado, majoritariamente branca, ao qual os negros ou pobres seriam inibidos de entrar. Esses Clubes tinham fortes obstáculos à entrada de sócios que não fossem de mesmo grupo social e econômico, no entanto, o Sr. Cypriano em Londrina conseguiu vivenciar juntos com os próprios integrantes.

Diz a esse respeito Thales de Azevedo sobre a realidade baiana, que nos pode trazer elementos para a discussão que está sendo levantada:

“O preto propriamente preto não entra”, diz um informante, mas, se consegue ser aceito, o que é realmente excepcional nos clubes das classes mais altas, sente-se isolado nas reuniões e festas e tem que constituir, com os do seu tipo, um agrupamento nitidamente marginal. (AZEVEDO, 1955)

No mesmo sentido da análise de Azevedo, é válido o sentimento de discriminação que os negros recém-chegados à Londrina, como também explicita-se o caráter do racismo cordial que imperava naquele momento, haja vista que a data da análise de Thales de Azevedo coincide com poucos anos de diferença com a data que considero nesse momento do processo de organização dos negros londrinenses. Outra forma de caracterizar o racismo à brasileira está no bloqueio ao ingresso de negros aos clubes recreativos, forma essa que se esconde em uma simples recusa à pessoa, me utilizou ainda mais de Azevedo:

Muitos informantes [negros] afirmam que por sua própria iniciativa não se candidatariam a ingressar num clube social, mas que algumas vezes são propostos por amigos brancos. Pode suceder, todavia, que tais propostas fiquem sem solução quando as comissões de sindicância verificam que se trata se alguém “muito preto”. Os papéis morrem nas gavetas do clube, mas nunca se diz ao candidato o motivo real ou suposto da recusa. (AZEVEDO, 1955)

É evidente que nem todos os casos podemos interpretar, com análise limitada, como formas de peneiramento pela cor, mas é uma questão que gera conflitos e desconfortos para aqueles que foram submetidos a essa situação. De qualquer maneira, é uma situação de desconforto de âmbito coletivo, merece nesse sentido preocupação e desconfiança até no sentido de exercício intelectual.

Não havia problema, o líder fundador da organização negra de Londrina, não causava preocupação. Talvez, o ele pudesse mediar os possíveis conflitos entre os trabalhadores para a elite, o Sr. Cypriano era um homem muito articulado, transitava em qualquer um dos lados.

Ainda assim, a AROL não perde seu caráter de vanguarda, ou seja, a forma como fez para conseguir a realização de seus interesses é questionável, mas também não tira seu valor de uma organização negra fundada em 1937, num contexto pouco propício para insurgir concepções raciais.

É explícito nos depoimentos de sócios a valorização de que no Clube frequentavam pessoas com certa ascensão social, seja na área do comércio, da educação enquanto universitários, advogados, médicos, etc, editores e gráficos, como Victor Bosso e Francisco Tuma que era membros da diretoria. Esses dois senhores, tinha um jornal chamado Gazeta do Norte, faziam um trabalho de divulgar. bem como de autoridades públicas. Este público também de certa maneira poderia distanciar negros pobres do desejo de associar-se. Tendo em vista essas questões sobre o Clube AROL, podemos colocar entres seus objetivos e ações a representação de uma parcela pequena da população negra de Londrina.

Na medida em que o racismo se transforma e se constitui enquanto arma política de intelectuais, governantes e de elites econômicas, grupos de resistência se organizam na mesma medida, nesse sentido, como foi que as organizações negras se reorganizaram no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980 no Brasil. Assim como aconteceu com o movimento em Londrina. Teve uma guinada radical de concepções e pensamentos.

Houve diferentes formas de resistência negra no Brasil, na cidade de Londrina, no norte do estado do Paraná, uma parcela da população negra dessa cidade se organizou na Associação de Recreação Operária de Londrina - AROL, que era situada na Rua Araguaia, 146 – Vila Nova, esta associação se consolidou um tanto quanto conservadora, não buscando alterar a estrutura social.

Uma fotografia do desfile das comemorações do 13 de maio de 1960 mostra um cartaz trazido por duas mulheres negras que diz “*AROL: pelos povos livres sem preconceito*”, se observado as ilustrações do cartaz é possível identificar em primeiro plano um homem negro quebrando as algemas, que interpreto como a contradição de ser livre das ocupações degradadas da escravidão, ou seja, um *pseudo* sentimento de liberdade como se pudesse neste momento ter *direito de dispor do tempo ou da*

*peessoa de acordo com a própria vontade*³⁷, no entanto, ainda preso as amarras do preconceito, que vão minam cotidianamente qualquer aspiração individual, mas é necessário elencar o caráter pedagógico do cartaz levantado pela AROL, que serve



Figura 12. Desfile de 13 de maio de 1960, na Rua Paraná – Londrina, Pr. No cartaz frase de protesto ao preconceito e a discriminação racial.

de incentivo a um compromisso coletivo de tornar visível, obviamente de maneira comportada e regulada, o descontentamento com esse elemento ainda não resolvido em Londrina.

O preconceito e a discriminação racial é um efeito que oculta uma situação contraditória do qual estrutura o processo de desenvolvimento social, econômico e político de todas as sociedades.

Uma reportagem do jornal Folha de Londrina sobre o referido desfile, datado de 13 de maio de 1960, chama atenção do pesquisador Oliveira em seu trabalho sobre o movimento negro londrinense intitulado *O Mito da Democracia Racial: Um olhar sobre os movimentos negros em Londrina – 1940-1990*, em que assim destaca o anúncio da referida reportagem *13 de maio: 72 anos de libertação e integração*. Destaco nesta ocasião alguns trechos do trabalho de Oliveira³⁸:

³⁷ Florestan e bastide p. 69

³⁸ Ver José Donizetti, p. 84.

Apesar da data não ser um feriado oficial o prefeito “condignamente” lembrou-se de comemorá-la. O jornalista já havia praticamente justificado a atitude do prefeito, na manchete, ao lembrar o aspecto de após a abolição houve uma integração dos negros na sociedade brasileira. (OLIVEIRA, 2002)

O autor desse trecho destacado proporciona ao leitor mais atento a intensão dessa imprensa da época em reproduzir um tipo ideal de sociedade em que harmonia e democracia racial formam a dádiva da mudança social no Brasil, nesse caso de Londrina, apropriou-se de um discurso oficial que afirma que os escravizados, após serem libertados com a assinatura da princesa foram integrados a essa nova ordem social competitiva, o capitalismo.

O discurso que enaltece o compromisso do prefeito às comemorações do 13 de maio de 1960, de certa forma também pode ser observado no depoimento de Oscar do Nascimento sobre esse desfile da AROL. Oscar do Nascimento diz *No 13 de maio, houve até época que foi decretado feriado municipal, para que a AROL pudesse fazer suas manifestações, fizesse a promoção da cultura*, me parece que nesta fala se reproduz um discurso semelhante ao do artigo do jornal Folha de Londrina onde a benevolência do prefeito abre a cena das comemorações e principalmente coloca em segundo plano a possibilidade dos negros de organização. Não estou dizendo que o próprio movimento deva ser encarado enquanto coadjuvante neste desfile, porém no depoimento que destaque fornece todo protagonismo a uma autoridade pública.

Em primeira reunião da Associação Operária e Recreativa de Londrina, nome provisório a ser aprovado em Assembleia, no qual estão presentes neste 20 de setembro de 1957 os senhores Cypriano Manoel, Ernesto Gonçalves Mendes, David Marujo, Oscar Nascimento e Viera fica designado a estes que seja composta uma diretoria provisória. Esta diretoria provisória ficaria incumbida de elaborar os estatutos, antes, no entanto, designaram aos senhores Cypriano Manoel, Ernesto G. Mendes e David Marujo que comparecessem a Prefeitura Municipal para reivindicar o recebimento da contribuição financeira que havia sido prometido anteriormente, visto que, o Prefeito ofereceu apoio e incentivou a criação desta Associação de congregação aos operários.

A diretoria provisória fica assim constituída: Cypriano Manoel – Presidente; Ernesto G. Mendes – Vice Presidente; Mario Lubrandi – Secretário Geral; David

Marujo – 1º Tesoureiro; Carlos Capel – 2º Tesoureiro e Oscar Nascimento – Secretário.

Aprovado o nome no qual ficou conhecida a Associação de Recreação Operária de Londrina – AROL aprova o Extrato de Estatutos e elege em assembleia do dia 19 de dezembro de 1957 a Chapa Liberal para a diretoria do Clube, neste momento não havia mais nenhuma inscrição, eleita com manifestação unânime foi incorporada aos Estatutos, ficando assim constituída:

Presidente -----	Cypriano Manoel
1º Vice Presidente -----	Ernesto G. Mendes
2º Vice Presidente -----	Roberto Martins Alves
Secretário Geral -----	Oscar do Nascimento
1º Secretário -----	José Jaime Enz
2º Secretário -----	Peroy Eloy
Tesoureiro Geral -----	David Dionísio Marujo
1º Tesoureiro -----	Joaquim Ferreira da Silva
2º Tesoureiro -----	Carmelo P. Truccolo
Diretor de Patrimônio -----	Victor Bosso
Diretor de Cursos -----	Francisco Tuma
Diretor de Propaganda -----	Genesi Souza Guimarães
Orador -----	José Vieira Barbosa
Bibliotecário -----	Carlos da Cunha Capella

Conselho Fiscal

Gustavo Luiz Jorke
José Augusto de Almeida
Oscarlino Tomas

Segundo certidão emitida em cartório consta no Livro PJ de Registro Civil, Folha nº 153 uma inscrição de nº 127, datada de 29 de novembro de 1957. O documento inscrito constitui um Extrato dos Estatutos da Associação de Recreação Operária de Londrina – AROL, sediada na cidade de Londrina, Pr. De acordo com o estatuto em questão é uma Associação beneficente e sem fins lucrativos, a fim de *proporcionar a seus associados recreação, reuniões cívicas, culturais, estudos, bem como manter intercâmbio com outras entidades congêneres, enfim tudo que venha engrandecer a associação para o bom estar de seus afiliados*³⁹.

Art.1º Para realização dos seus objetivos:

³⁹ Estatuto, registrado em cartório em 29 de novembro de 1957.

- a) Proporcionar recreação de toda a natureza, tais como jogos de toda espécie não proibido por lei, bailes, reuniões cívicas e culturais, palestras, conagraçamentos e conferências.
- b) Todas as diversões citadas visam ao bem estar dos operários;
- c) Organizar bibliotecas, discotecas, sala de leitura e de jogos para o sócio e sua família;
- d) Intercâmbio cultural e recreativo com entidades da mesma natureza ou semelhante, dentro e fora do país;
- e) Empenhar todos os recursos para manter a união e bem estar da classe operária;
- f) Organizar Departamentos de beneficência aos sócios.

Se considerado a conjuntura em que os negros se organizaram no Clube Quadrado e na Associação Beneficente Princesa Isabel em Londrina, assim como o sentimento que os negros membros da AROL tinham de se libertar das amarras da discriminação e do preconceito, podendo assim participar efetivamente do a sociedade pode oferecer.

Houve um Cypriano Manoel que foi o precursor do debate sobre o racismo em Londrina e este líder esteve lutando no Quadrado, na Princesa Isabel e até sua morte em 1964 na AROL. Por mais que Cypriano Manoel liderasse na AROL e lutasse para que o houvesse uma integração do negro, sem o rompimento com as estruturas já estabelecidas, ele desempenhou um papel importante nas relações raciais na cidade.

A sua junção com os sindicatos de londrina, impulsionou mais ainda para a AROL começar a colocar o debate racial em um plano secundário, não o marginaliza, sobretudo porque a sociabilidade entre os negros nos bailes promovido pelo Clube possui um importante instrumento de resistência a um idealizado padrão de beleza na sociedade e especialmente a promoção da beleza negra, este por sinal foi o papel melhor desenvolvido pela AROL para agregar uma população que desde que foi escravizada fora subestimada e apresentada de maneira negativa e desvalorizada.

A intensão foi colocar a beleza negra e a beleza branca em um mesmo patamar de valorização, assim o mostraram para a sociedade londrinense quando sua rainha negra foi disputar com a rainha de um clube da elite da cidade, a AROL mesmo ciente que sua rainha iria ganhar a fase para representar Londrina em um concurso estadual de beleza, compartilhou o 1º lugar com a outra participante da elite da cidade.

Outra questão que se deve retomar no que se refere a agora Associação de Recreação Operária de Londrina, juntamente com o Estatuto elaborado para os trabalhos da mesma, é o que foi registrado em Ata da primeira assembleia e

designado a algumas lideranças *que comparecessem a Prefeitura Municipal para confirmar uma contribuição financeira, visto que, o Prefeito ofereceu apoio e incentivou a criação desta Associação de congregação aos operários*, de certa forma a mudança do nome do Clube atendeu a não só expectativas dos associados como evidentemente da elite da cidade, aqui colocada na figura do prefeito, em depoimento Oscar do Nascimento nos traz mais elementos para esta discussão, assim diz Nascimento:

Na época o prefeito Fernando Sobrinho era muito entusiasta na causa, muito entusiasta com a classe operária, a classe negra, os afrodescendentes, a prefeitura ajudou muito. O terreno da AROL, ele [o prefeito] não doou legalmente. Doou o terreno, mas não doou legalmente, assim: agora nós temos esse terreno e vocês vão construir a AROL aqui e a prefeitura vai ajudar, dar uma mão, mas tinha que passar pela Câmara, passou e foi construído, eles ajudaram... A estrutura era de madeira, parte daquela madeira foi destinada para a sede e a outra metade foi para o Corpo de Bombeiros que estava sendo formado na época aqui em Londrina. Então, também teve muita ajuda da Companhia de Terras, porque o Manoel Cypriano era funcionário da Companhia de Terras e como ele foi um ótimo funcionário a Companhia ajudou muito na construção da sede da AROL. Houve muitas pessoas também do comércio... Houve uma ajuda coletiva, cooperou-se muito para que houvesse o Clube AROL⁴⁰.

Esse prefeito era tido como o prefeito dos trabalhadores, um elemento importante para que possamos indagar qual seria o motivo de tanta colaboração com um grupo estigmatizado na sociedade? A convergência de interesses.

Segundo este autor no Brasil criou-se o melhor de dois mundos. Ao mesmo tempo que se mantém uma tradição escravocrata que privilegia o branco e subordina os negros, evita em mesma medida formar-se esses últimos enquanto raça como princípio de identificação coletiva e ação política. Essa eficácia da ideologia racial que fundamenta a sociedade brasileira é revelada na ausência de conflitos raciais explícitos e especialmente, no que nos importa sobre a AROL, na escolha política dos negros em Londrina, muito próxima aos pensamentos do início da FNB em São Paulo, que incitaram inevitavelmente a mediação de conflitos, nesse sentido, sem qualquer grau de coerção os elementos racistas que imperam no sistema

⁴⁰ Oscar do Nascimento.

permaneceram sem contestação, pelo menos até surgir a configuração que se tem hoje de Movimento Negro.

Mesmo que equivocado o pensamento em que se sustentou e norteou as ações da AROL, não se pode de maneira alguma optar por simplesmente ocultar elementos de um passado que não nos orgulhamos ou mesmo desconsidera-los, como se os equívocos com o tempo, por si mesmo caísse ao esquecimento. A Associação de Recreação Operária de Londrina - AROL se ergueu sob bases e ideais bem definidos de pertencimento racial e nacional, essa foi sua essência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREWS, G. R. **O Protesto político negro em São Paulo (1888-1988)**. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n.21, p.27-48, 1991.

ARENDDT, Hannah. **As origens do totalitarismo, anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. **Os excluídos do interior**. In: BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. **A reprodução**: elementos para uma teoria dos sistemas de ensino. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.

BONI, Paulo César. A história de Londrina, em textos e imagens.

CUTI. ... **E disse o velho militante José Correa Leite**. Secretaria Municipal de São Paulo: Cultura, 1992.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de Brancura**: política social e racial no Brasil 1917-1945. São Paulo: Editora da UNESP, 2006. 400p

DIWAN, Pietra. **Raça Pura**. São Paulo: Contexto, 2007.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**, Vol. 2. São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**, Vol. 1. São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**. São Paulo: Global, 2007.

FERNANDES, Florestan. **Brancos e Negros em São Paulo**. São Paulo: Global, 2007.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e Desigualdades no Brasil**. 2ª edição. Belo Horizonte: Humanitas, 2005.

IANNI, Octavio. **Escravidão e racismo**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza edições, 2007.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**: Quilombos Insurreições Guerrilhas. 3ª edição. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. Belo Horizonte: Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. – 3 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MUNANGA, kabengele. **Negritude**: Usos e sentidos. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documento de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980.

OLIVEIRA, José Brandino de. **O Mito da Democracia Racial**: um olhar sobre os movimentos negros de Londrina – 1940-1990. Tese de Doutorado. UEL/UEM: 2002.

PRADO Jr., Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Círculo do Livro, 1976

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Coletividades negras**: Ascensão sócio-econômica dos negros no Brasil e em São Paulo. São Paulo: Ciência e Cultura. 1976, pp. 647.

SILVA, Joselina da. "A União dos Homens de Cor: Aspectos do Movimento Negro dos Anos 40 e 50". *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 25, n. 2, 2003, pp. 215-235.

SILVA, Joselina da. **O clube dos negros**. *Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: UERJ. 2000, pp. 47.

SOUSA, N. S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, v.4, 1983.

WIEVIORKA, M. **O Racismo, uma introdução**. [tradução Fany Kon]. São Paulo: Perspectiva, 2007